

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)
HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

MEMÓRIAS DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*: UM DEBATE DA PRODUÇÃO
ACADÊMICA PÓS-ANOS 2000

RODOLFO SUPERBI VERISSIMO PEDROSA

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador: Rosangela de Jesus Silva

FOZ DO IGUAÇU

2021

RODOLFO SUPERBI VERISSIMO PEDROSA

MEMÓRIAS DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*: UM DEBATE DA PRODUÇÃO
ACADÊMICA PÓS-ANOS 2000

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
faculdade de História - América Latina como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em História.

Orientadora: Rosangela de Jesus Silva

FOZ DO IGUAÇU

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

MEMÓRIAS DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*: UM DEBATE DA PRODUÇÃO
ACADÊMICA PÓS-ANOS 2000

RODOLFO SUPERBI VERISSIMO PEDROSA

APROVADO EM 24 DE NOVEMBRO DE 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rosangela de Jesus Silva

Prof. Dr. Ana Rita Uhle

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristóvão dos Santos

FOZ DO IGUAÇU

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNILA por seu projeto de Universidade e todos os seus significados.

“A homossexualidade pressupõe a aceitação do mistério das suas razões como um componente a mais da realidade. Aceitar seu “mistério” faz parte do encontro inevitável com o princípio da realidade”.

João Silvério Trevisan

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso escrito aqui pretende desenvolver a escrita da consequência do aparecimento do Jornal *O Lampião da Esquina* em fins da ditadura militar e sua contribuição para as discussões e debates atuais sobre a questão da homossexualidade nas pesquisas desenvolvidas nas Universidades brasileiras introduzidas e apresentadas neste campo de análise. Buscamos compreender o interesse que despertou na academia de diversas disciplinas sobre o tema e sua produção científica atual sobre a contemporaneidade discutida do assunto homossexual. Como metodologia utilizamos a revisão bibliográfica de teses de Doutorado encontradas sobre o assunto. Consideramos oportuno este estudo para dar visibilidade a um grupo historicamente marginalizado. A revista aparece nos trabalhos analisados mostrando a importância dos sujeitos homossexuais de saírem do armário e colocarem-se como sujeitos ativos no processo de construção histórica e da própria identidade perante a elite brasileira em evidência, de modo a sair do processo marginal em que foram colocados. Os resultados foram a nossa percepção de que os debates proferidos ao longo do processo histórico em análise neste trabalho contribuíram para enormes e inúmeros ganhos na atualidade, tanto no campo político, social e cultural, mas também identificamos a urgência em ampliar estes ganhos a partir de novas discussões trazidas constantemente pelos acadêmicos de diversos campos de estudo, como as aplicações vistas no campo da Sociologia, da Educação, das Letras, da Psicologia, entre outros. Nosso principal foco, nesse caso, foi o contexto da produção histórica a partir da História Cultural, principalmente diante de Roger Chartier (1990).

Palavras-chave: Homossexualidade; O Lampião da Esquina; teses; dissertações; ditadura militar.

ABSTRACT

This undergraduate thesis intends to develop the consequence of the appearance of the *Lampião da Esquina* newspaper at the end of the military dictatorship and its contribution to the current discussions and debates on the issue of homosexuality in the researches developed in the Brazilian Universities introduced and presented in this field of analysis. We seek to understand the interest that it aroused in Academia from various disciplines on the subject and its current scientific production on the discussed contemporaneity of the homosexual issue. As a methodology, we used the bibliographic review of Doctoral theses found on the subject. We consider this study opportune to give visibility to a historically marginalized group. The magazine appears in the analyzed works showing the importance of homosexual subjects to come out of the closet and place themselves as active subjects in the process of historical construction and of their own identity before the Brazilian elite in evidence, in order to get out of the marginal process in which they were placed. The results found the debates given throughout the historical process under analysis in this work contributed to enormous and numerous gains today, both in the political, social and cultural fields, but we also identified the urgency to expand these gains from new discussions constantly brought up by academics from different fields of study, such as the applications seen in the fields of Sociology, Education, Modern Languages, Psychology, among others. Our main focus, in this case, was the context of historical production based on Cultural History, especially in Roger Chartier (1990).

Keywords: Homosexuality; *Lampião da Esquina*; thesis; dissertations; military dictatorship.

LISTA DE SIGLAS

Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM II

Conselho Federal de Psicologia - CFP

Conselho Federal de Psicologia - CRP

Departamento Estadual de Ordem e Política Social - DEOPS

I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados - EGHO

Lésbicas, *Gays*, Bissexual, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, etc. - LGBTQIA+

Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transgêneros e Travestis - LGBT

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC

Grupo de Afirmação Sexual - SOMOS

Grupo *Gay* da Bahia - GGB

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Tiragens do Jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	23
Imagem 2: Capas do jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	24
Imagem 3: Temas tratados no <i>Lampion da Esquina</i>	25
Imagem 4: Cabeçalho do jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	26
Imagem 5: Organização gráfica do <i>Lampion da Esquina</i>	26
Imagem 6: <i>Lampion da Esquina</i> e os sujeitos homossexuais	28
Imagem 7: Locais “homossexuais” refletidos no <i>Lampion da Esquina</i>	29
Imagem 8: Outras minorias sociais no Jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	33
Imagem 9: Travestis e Transexuais no Jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	34
Imagem 10: AIDS no Brasil pelo jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	35
Imagem 11: Moral e Bons Costumes no Jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	36
Imagem 12: Libertados	37
Imagem 13: O <i>Guei</i>	38
Imagem 14: Homossexuais na política brasileira	39
Imagem 15: Caso Curi	40
Imagem 16: Outros atores do Jornal <i>O Lampion da Esquina</i>	41
Imagem 17: Jornal <i>O Lampion da Esquina</i> e as minorias	49

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1: Levantamento bibliográfico	42-43
Quadro 2: Denúncias de violências contra LGBT no jornal <i>Lampião da Esquina</i>	55
Quadro 3: Continuação	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 BREVE HISTÓRICO DO <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E SEU CONTEXTO HISTÓRICO DE SURGIMENTO	18
2.1 O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i>	20
2.2 ESTRUTURA DO <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> COMO CONSTITUINTE DE MEMÓRIA JORNALÍSTICA	22
2.3 <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DE IDENTIDADE GAY PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	26
3 ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA E COMPARATIVA – REFLEXOS DO <i>LAMPIÃO</i> NA CONTEMPORANEIDADE	32
3.1 AS TESES E O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> : ENTENDENDO O GUETO HOMOSSEXUAL	43
3.2 O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E AS LUTAS PELAS MINORIAS SOCIAIS	47
3.3 O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> O LUGAR SOCIAL DO SUJEITO GAY	52
3.3.1 O sujeito gay e a repressão policial presente no <i>Lampião da Esquina</i> – relatos	54
3.4 O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E “A MORAL E OS BONS COSTUMES”	59
4 CONCLUSÃO	62
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

1 INTRODUÇÃO

A partir dos acontecimentos mundiais dos anos de 1960 e com o aumento da conquista de direitos civis, políticos e uma maior participação da sociedade em geral surge nos Estados Unidos, no começo da década de 1970, o jornal *Gay Sunshine* voltado ao público *gay*. Inspirado por este jornal estadunidense nasceu, no Brasil, *O Lâmpião da Esquina* (1978 - 1981). O jornal fora concebido a partir da criação de uma editora (Editora da Esquina) e de um conselho editorial que aportou dinheiro para tal, o que é explicado na primeira edição do jornal. O Conselho Editorial fora formado por onze homens; os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernadet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan, como afirmou Rodrigues (2007).

O periódico surgiu em fins da década de 1970 – ditadura militar (1964-1985) - em um contexto brasileiro de efervescência intelectual e política, onde inúmeros cidadãos que haviam sido exilados retornaram ao país com ideias revolucionárias. (TREVISAN, 2007; FRANÇA, 2019).

O Lâmpião da Esquina voltou-se às questões homossexuais e estampou casos contando as diversas situações vivenciadas por eles. Questionava, por exemplo, Quinalha (2017), a existência de uma única identidade homossexual que era, por outros, confinada aos guetos e estigmatizada pela associação com o submundo da criminalidade, da corrupção moral e das drogas. A identidade homossexual vista no jornal englobava bichas, gueis, entendidos, viados, homossexuais, travestis, negros, mulheres, feministas, ecologistas, etc. (RODRIGUES, 2010; FRANÇA, 2019).

Segundo Rodrigues (2007), o início da década de 60 foi palco do surgimento das primeiras publicações voltadas a este público. Segundos os editores versava-se acerca de amenidades e badalações sociais, acontecimentos culturais, reportagens e classificados. Durante a década de 1970, no entanto, as mudanças de comportamento da sociedade brasileira deram espaço à criação de colunas sociais voltadas aos *gays*.

Podemos, então, a partir de Feitosa (2014), dizer que o *Jornal O Lâmpião da Esquina* abrangeu boletins caseiros sobre homossexuais na cidade do Rio de Janeiro ao recontar as principais categorias sexuais e de gênero do século XX. Todavia uma pergunta sempre pairava no ar: “Jornal homossexual para quê?”. Esse questionamento assertava

sobre a posição ocupada pelos sujeitos homossexuais na profissão, na classe social, no *status*, etc.

Este projeto pretende estudar o impacto do Jornal *O Lâmpião da Esquina* na Historiografia e em outras áreas do conhecimento. Exemplificamos isto através do estudo em áreas como a Comunicação e Semiótica, Letras, Educação, Sociologia, Relações Internacionais, História Social e da Saúde. O periódico voltou-se para o público homossexual, sendo publicado mensalmente na cidade do Rio de Janeiro, mas tendo circulação nacional. Esteve em ação durante os anos de 1978 à 1981. Com formato tabloide teve 41 edições no total, sendo 38 regulares (com 16 ou 20 páginas) e 3 edições extras (com 24, 8 e 12 páginas). Teve circulação média de 10 à 15 mil exemplares. Algumas colunas eram fixas (Esquina, Ensaio, Literatura, Reportagem de capa, Entrevista, Cartas na Mesa, Bixórdia e Tendências), abordavam temas relacionados à vivência homossexual e pretendiam fazer um diálogo com outras minorias (mulheres, negros e indígenas).

Assim sendo podemos questionar: “Qual foi a importância do periódico para a construção de uma sociedade diversa e plural?” Minha proposta, com esta pesquisa, é fazer uma revisão bibliográfica sobre o que já foi publicado sobre o jornal na academia e, ao mesmo tempo, discutir acerca do interesse recente sobre o mesmo (a partir da década de 2000). Das teses encontradas acerca do tema aqui pretendido apenas as citadas ao longo do trabalho serão analisadas, visto que grande fora o número de trabalhos encontrados ao longo da busca bibliográfica, sendo, portanto, inviável trabalhar todas. Assim, as fontes escolhidas para esta produção escrita darão conta do tema e de uma análise mais aprofundada sobre o assunto, aumentando o debate.

Entre as hipóteses levantadas, conquanto, parece relevante observar a unidade da população LGBT como grupo após a epidemia da AIDS e as várias conquistas sociais nos anos 2000. Entre elas estão o surgimento das paradas *gays* (primeira parada LGBT de São Paulo acontece em 1997, o reconhecimento da união/casamento homoafetivo¹, a

¹ Segundo o *site* do Senado federal, o casamento homoafetivo, de autoria da Senadora Marta Suplicy – PT/SP, é Projeto de Lei nº 612 de 2011 com ementas que alteram os arts. 1.723 e 1.726 do Código Civil ára permitir o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo. (www25.senado.leg.br - Acesso em: 04 set. 2021)

utilização do nome social de pessoas *trans* em documentos oficiais² e as tentativas de criminalização da homofobia como crime de ódio³.

Enquanto na década de 70 *O Lâmpião da Esquina* parecia ser quase um fenômeno isolado para discutir as questões ligadas ao movimento LGBTQIA+, hoje podemos observar uma ampliação, tanto em termos espaciais quanto quantitativos, possibilitado, talvez, pelo surgimento e expansão da *internet* que conecta pessoas remotamente por uma causa comum. A imprensa alternativa⁴ foi uma arma utilizada por diversos jornais para mostrar um Brasil com vivências e problemáticas até então invisibilizadas pela grande mídia.

No governo Geisel (15 março de 1974 – 14 março 1979) iniciou-se o processo de abertura política “lento, gradual e seguro” segundo citação do próprio. Em 1975 a Lei de Segurança Nacional é “abrandada” (morte do jornalista Vladimir Herzog). A Lei de Anistia de 1979 permitiu a volta de inúmeros opositores do regime ao Brasil. O AI-5 é revogado no mesmo ano (1979), tendo vigorado de 13 dezembro 1968 até 13 outubro 1978 (emenda entra em vigor em 1 Janeiro 1979). (FICO, 2004). O próprio jornal fala sobre a percepção de tal abertura em sua primeira edição, declarando que está “Saindo do Gueto” (*LÂMPIÃO*, ed. 0, p. 2) e esboçando algumas respostas em torno do porquê da criação da publicação.

Ainda em 1978, primeiro ano de existência, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) abre processo contra *O Lâmpião da Esquina* por conter matéria ofensiva contra a moral e os bons costumes sociais. O processo tramitou durante um ano, sendo arquivado em 1979 e não gerando nenhuma punição para o periódico. Em 1980 ocorre o Primeira Encontro Brasileiro de Homossexuais em São Paulo por conta das constantes repressões, rondas e prisões da polícia paulista contra esta população⁵.

² De acordo com o Trt da Justiça Brasileira, é a Resolução CNJ de nº 270/2018 que regulamenta o uso do nome social pelas pessoas trans e travestis e usuários de serviços judiciários, membros, servidores, estagiários e trabalhadores terceirizados. Disponível em: www.trt13.jus.br – Acesso em: 04 set. 2021

³ Segundo a Câmara Legislativa brasileira, a criminalização da homofobia e transfobia no país foi aprovada com a PL 7582/14 que considera crime hediondo o homicídio cometido contra lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, intersexo e demais pessoas trans. Disponível em: www.camara.leg.br – Acesso em 04 set. 2021.

⁴ A imprensa alternativa proliferou durante os anos de ditadura militar no Brasil – década de 70 – questionando o regime em voga, denunciando a violência arbitrária, expressando opinião e uma posição de esquerda num país que suprimira quase todos os canais de organização e manifestação política de oposição. Este tipo de imprensa reunia jornais de vários tipos: esquerda, revistas de “contracultura”, publicações de movimentos sociais, etc. Disponível em: [IMPRESA ALTERNATIVA | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil \(fgv.br\)](http://IMPRESA ALTERNATIVA | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br)) Acesso em: 04 set. 2021.

⁵ <https://gamarevista.uol.com.br/semana/orgulho-de-que/linha-do-tempo-direitos-lgbt-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em: 04 set. 2021.

As demandas e reivindicações de uma determinada população ou grupo mudam, transformam-se e, até mesmo, evoluem com o passar do tempo. Nas últimas décadas têm surgido inúmeras pesquisas para tentar compreender o que se passava no período em que o jornal esteve em ação e qual a influência e importância para este grupo e para a sociedade brasileira como um todo. Meu foco de pesquisa será sobre a historiografia e a memória criada sobre o periódico. O presente projeto parte da hipótese de que o jornal foi um marco para o desenvolvimento e surgimento de uma identidade nacional LGBTQIA+ no contexto de abertura política da ditadura militar brasileira. Busco, ainda, entender o interesse despertado por pesquisas acadêmicas relacionadas ao periódico a partir dos anos 2000, momento que, numa busca inicial, foi identificado um grande número de trabalhos.

Apesar de, em alguns momentos, ter havido questões que se ligassem ao político, como a dualidade direita e esquerda, essa situação se mostrou passageira, avançando sobre o que, na época, realmente importava, a figura dos homossexuais e a construção de um novo mundo fora dos guetos e das investigações e censuras pelas quais passaram durante a época da Ditadura Militar.

Buscarei, ainda, investigar a ligação dessas pesquisas com os avanços no movimento homossexual/gay. Em nosso levantamento inicial observamos uma série de eventos que levaram a uma maior visibilidade do movimento, como o surgimento das paradas gays anuais, a aprovação de uma legislação que prevê a criminalização da homofobia como crime de ódio e do casamento homoafetivo. Observa-se um maior entendimento e engajamento de grupos preocupados com questões relacionadas à diversidade sexual difundidas sobretudo pelos novos meios de comunicação (internet).

Para entender esse processo será realizada uma contextualização da história do jornal *O Lâmpião da Esquina* durante a Ditadura Militar no final da década de 1970 até início da década de 1980. Discutir o surgimento do Jornal na denominada “abertura política” e a importância do Jornal como marco em torno da discussão LGBTQIA+. Outro elemento fundamental nesta pesquisa será a análise da historiografia sobre temáticas LGBTQIA+ no Brasil e a inserção dos estudos sobre o Lâmpião da Esquina nessa historiografia. Também se buscará entender que recortes foram privilegiados pela historiografia, identificando temas, conceitos e abordagens presentes nesses estudos, e o porquê do interesse a partir dos anos 2000 em estudos relacionados ao tema. Minha pesquisa tem como base a perspectiva da História Cultural. “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares

e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 16).

Ainda neste interim, temos Darnton (1986) que estuda a História social e cultural da imprensa a partir da compreensão sobre a transmissão das ideias pelas vias impressas e como este contato com a palavra afetava o pensamento e comportamento humanos, assim entendendo como um todo a relação da imprensa; nos seus contextos e aspectos sociais, econômicos, políticos e intelectuais de cada época histórica. Segundo Tânia Regina de Luca (2006), esta explosão do mundo impresso em periódicos tem sido objeto de reflexões específicas. Luca (2006) aponta para a necessidade urgente de historicizar a fonte a ser utilizada, levando em consideração as condições técnicas de produção e a averiguação, não obstante tudo o que fora escolhido e por quê, assim como as funções sociais do impresso. Em resumo, entende ser importante o modo pelo qual a mídia impressa chega às mãos dos leitores – em formato físico –, a estrutura e divisão de conteúdo, as relações mantidas ou não com o mercado, a publicidade, o público que pretende atingir, os objetivos que propõem alcançar. Indispensável compreender que, para a autora, o conteúdo publicado não é objeto único e isolado e, portanto, não pode ser dissociado do lugar ocupado pela história da imprensa.

Para Luca (2006) é extremamente viável saber que os discursos atraem muitos significados, incluindo processos tipográficos e de ilustrações. A ênfase em temas, a linguagem utilizada e a natureza do conteúdo associam-se ao público pretendido.

Ao estudar a questão da imprensa, neste trabalho, podemos citar Marialva Barbosa (2008) que entende o contexto histórico a partir dos motivos da pesquisa histórica como foco de importância sobre o entender do tema. É, então, a partir da linha cultural que a autora aborda a construção da imprensa sobre o aspecto não linear da História. De acordo com o seu texto “História Cultural da Imprensa – Brasil (1900-2000)”, publicada em 2006. Diante disso demonstra ser possível reconstruir a história da imprensa brasileira sob a perspectiva do entendimento sobre o passado, interpretações e indícios. A autora inicia, então, afirmando e apontando que a história cultural não está atrelada às ideias de grupos dominantes da sociedade, nem mesmo a cultura com C maiúsculo, como afirmou Darnton (1986) – uma cultura sistematizada por agentes históricos específicos, ou seja, a classe dominante como construtora do que é cultura.

Ao particularizar a questão cultural, estamos considerando a interpretação que possibilita visualizar como os homens do passado consideram as representações da imprensa. Nesse sentido, não estamos usando cultura como sinônimo de mentalidade,

mas considerando o que chamamos de realidade histórica que se transforma em texto através da interpretação sob o olhar do historiador. (BARBOSA, 2008).

Assim, ao particularizar a questão cultural consideramos que é a interpretação que possibilita visualizar como os homens do passado consideravam as representações da imprensa. Nesta abordagem passa-se o texto ao contexto e novamente ao texto, procurando abrir caminhos “através de um universo cultural estranho”. (DARNTON, 1986, p. XVII-XVIII). Diante disso podemos entender que é a cultura que formula as maneiras de pensar.

No primeiro capítulo será discutida a importância da historiografia para entender fenômenos históricos, bem como uma breve introdução sobre *O Lampião* e o contexto de sua criação. Já no segundo capítulo será analisado como os trabalhos selecionados se aproximam do periódico para que se possa discutir a memória que esses trabalhos constroem acerca do jornal. Para a pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico em bases digitais nas quais foram encontradas dez teses e trinta dissertações. As teses encontradas abordam uma problemática relacionada a questões de gênero e sexualidade mais abrangentes. As dissertações discutem alguns aspectos específicos do *Lampião da Esquina*. Será disponibilizado, então, um anexo com todos os trabalhos listados nesta produção, todavia apenas as teses serão analisadas.

Este trabalho, no entanto, a pesar de buscar, inicialmente, o pensamento do jornal *O Lampião da Esquina* como fonte de discussão acabou tomando rumos diferentes dos pretendidos pelo autor, fazendo com que a pesquisa se encaminhasse para uma revisão bibliográfica, ficando, portanto, situado entre as duas coisas.

2 BREVE HISTÓRICO DO LAMPIÃO⁶ DA ESQUINA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO DE SURGIMENTO

Escolhemos analisar a memória produzida pelo jornal *o Lampião da Esquina* responsável por produzir matérias referentes ao público entendido como homossexual na época e sua vivência cotidiana. Este meio de mídia de massa surge nos anos finais de ditadura militar (1964-1985) e tem, na sua evolução, um fato indispensável para a discussão sobre o tema da LGBTQIA+ no Brasil atual. Estas perturbações podem ser consideradas de ordem moral, pois a sociedade do período vigorava pelo lema do bem-estar e da manutenção da família tradicional brasileira ao colocar à margem os homossexuais, negros e demais minorias. Assim, ao falarmos do sujeito *gay* pairava no ar a ideia de que homossexuais são indivíduos ligados, inteiramente, à baderna e à depravação. Estes sujeitos eram, tradicionalmente, segregados e desqualificados, além de alvo de inúmeros tipos de violência. Este público necessitava ganhar visibilidade e buscou essa através de uma imprensa brasileira alternativa o caminho para isso, dentre elas o tema da nossa investigação mais especificamente do jornal *O Lampião da Esquina* (1978-1981).

Já durante o século XX observamos um aumento de público leitor o que constrói um processo em que o aumento de público leitor aumenta a demanda desses grupos por publicações que dialoguem com os seus interesses. Segundo Rodrigues (2007) fora apenas em 1969, com a instituição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que surgiria o primeiro jornal conhecido como “alternativo”, *O Pasquim*. Segundo Chinem (1995, p. 43):

O Pasquim não era um jornal político, era apenas um jornal debochado, de contestação, indignado, que queria sair do sufoco. Irreverente, moleque, com uma linguagem desabrida, bastante atrevido para os padrões da época. (CHINEM, 1995, p. 43).

Rodrigues (2007) afirmava, ainda, que cerca de cento e cinquenta periódicos nasceram e morreram entre os anos de 1964 e 1980. De tamanho tabloide eles se caracterizavam em oposição ao regime da ditadura militar, ficando conhecidos como

⁶ O documentário sobre o Jornal *O Lampião da Esquina* tem cerca de 85 minutos e produção brasileira. Tem por objetivo questionar a possibilidade da existência de um jornal homossexual e questões diversas sobre a homossexualidade. Conta a história de nascimento do *Lampião*, em fins da ditadura militar, com a intenção de dar voz às minorias da época – homossexuais, mulheres, negros, indígenas, etc. Tem como pautas o feminismo, a sexualidade, o aborto, o racismo, a ecologia, as drogas, a prostituição e o machismo, por exemplo. fora o primeiro documentário sobre o primeiro jornal brasileiro que trouxe, abertamente, questões homossexuais para compilar a trajetória e contextualizar o período em que ocorreu a iniciativa.

“nanicos” ou “alternativos”. Fora, então, em 1974, o apogeu deste tipo de imprensa que revivia temas, como o feminismo, a ecologia, a importância da sexualidade, etc.

Filipe Gabriel Ribeiro França (2019) afirmou que o *Lampião da Esquina* fora o primeiro periódico homossexual que, somente em 1978, ano de sua fundação, teve tiragem nacional de 10 mil exemplares, contribuindo para um desenvolvimento de ainda incipiente movimento gay brasileiro. Apesar das constantes perseguições sofridas, o jornal foi um dos primeiros a denunciar a existência real das violências constantes e crimes sofridos por homossexuais no Brasil, apontando essa questão como um problema social. Em vários momentos usou as manchetes da publicação para estampar tais denúncias, inclusive denunciando crimes e violências contra esses sujeitos não apenas no Brasil, mas ao redor do mundo.

O aparecimento da doença do HIV/AIDS acabou reforçando e reavivando os preconceitos contra os homossexuais. Identificando-os como sujeitos pervertidos sexualmente. A questão homossexual, dessa vez, ganhou discussão pública ao ser atrelada à doença da Aids. Os homossexuais tornaram-se malditos. O vírus da doença fora associado à homossexualidade, permanecendo no imaginário popular até os dias de hoje, criando, também, uma memória perturbadora e pejorativa destes sujeitos. Isso fazia os demais indivíduos compreender que “Ser gay significava ter Aids” ou mesmo “Quem tem Aids é gay”. Essa conjuntura, segundo Sérgio Lima dos Santos (2018), acarretou um aumento expressivo de violências contra os homossexuais, levando-os a ter que lidar, cotidianamente, com a correlação entre o temor do HIV e a homofobia.

O Lampião da Esquina vai trazer a doença a um patamar de compreensão sobre o aumento da consequência em virtude do fato, isto é, o aumento expressivo de violências sobre os sujeitos homossexuais, relacionando-os diretamente à doença e ao aumento, também, de casos de homofobia, possibilitando o desenvolvimento de movimentos ativistas em prol da contradição destas informações passadas sem qualquer prova científica.

O Lampião da Esquina vai contrariar os processos de marginalização destas minorias, principalmente dos sujeitos homossexuais, dando-lhes cada vez mais visibilidade e mostrando suas formas de vivência, trabalho e lazer, assim como o crescimento e surgimento de movimentos homossexuais pelo entorno do país, encarados como consequência desta visibilidade - como o Grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.

Rodrigues (2012) afirmou que o grupo Somos é resultado do desejo comum de várias pessoas de encontrarem outros homossexuais fora dos ambientes de “pegação e badalação”, tendo por intuito a busca por um conhecimento mútuo que fosse menos aleatório, tornando possível o trato da sexualidade como algo cotidiano e de grande e relevante importância. Procuraram construir uma identidade coletiva enquanto grupo.

Segundo Belmonte (2009), o *Lampião da Esquina* trouxe o grupo Somos ao informar que sua criação se deu em São Paulo como o primeiro grupo de militância gay cujo ideário se aproximava à contracultural ao propor e analisar as relações de gênero, questionar a monogamia e a possessividade nos relacionamentos, defendendo a simetria entre homens e mulheres. Desse modo, a homossexualidade começava a ser discutida publicamente, ao final da década de 70, apresentando um viés mais politizado.

Em Santos (2018), o grupo Somos apresentou-se com caráter político forte em decorrência das contradições existentes entre os interesses da militância LGBT no país e outros movimentos sociais voltados às demais minorias, como indígenas, mulheres e indivíduos negros. Não obstante, é essencial não esquecer que, junto a este grupo estava o jornal *O Lampião da Esquina* que combatia as mesmas coisas e tinha os mesmos objetivos – a visibilidade gay.

O periódico teve sua circulação num período entre 1978 e 1981, nascendo no momento de distensão do regime militar e abrandamento da censura. Segundo Daniela de Queiroz Picchai (2019) isso teria permitido os processos de emergência de pautas que debatiam sobre grupos identitários deixados de lado pela grande imprensa.

2.1 O LAMPIÃO DA ESQUINA

O *Lampião da Esquina* fora organizado como um jornal de formato artesanal, tendo importância histórica na construção da memória sobre a vivência cotidiana das minorias no Brasil da década de 1970 e 1980 pelas mãos de uma comissão de editores que envolvia os seguintes nomes: Darcy Penteado (1926-1987), Adão Costa, Aguinaldo Silva (1943), Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet (1936), João Antônio Mascarenhas (1927-1998), João Silvério Trevisan (1944) e Peter Fry (1941). Neste grupo encontramos homossexuais de classe média, trabalhadores intelectuais para discutir ideias e o desejo de construir um jornal que discuta a homossexualidade e as questões estigmatizadoras desta realidade.

Quinalha (2017) considerava que o *Lampião* surgira com as primeiras publicações dirigidas ao público homossexual a partir da década de 60, mas não excluía outras

revistas, jornais e demais periódicos já existentes, como o *Snob* (1963-1969), *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Gente Gay* (1976-1977), *Aliança de Ativistas Homossexuais* (1977), *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazin*, 20 de Abril, e *O Centro*; em Niterói existiam *Os Felinos*, *Opinião* (1972), *O Mito*; em Campos havia o *Le Sophistique*; na Bahia contava com *O Gay* e *O Gay Society*, *O Tiraninho*, *Fatos e fofocas*, *Baby Zéfiro*, *Little Darling* e *Ello*. Diante disso é preciso compreender que o *Lampião da Esquina* não existiria sem o terreno preparado pelas revistas outras, como *O Snob* e *Gente Gay*.

Rodrigues (2012) afirmou que a ideia de constituição do jornal surgiu a partir da visita do editor Winston Leyland, da *Gay Sunshine*, Califórnia (EUA). Conta que, em 1976, Mascarenhas recebera duas cartas de Winston Leyland, onde discorre que havia apresentado um projeto a um órgão de fomento, no Congresso estadunidense, para a organização e edição de uma coletânea de escritores e artistas plásticos *gays* brasileiros. O projeto fora aprovado. Mascarenhas respondera à carta oferecendo a Winston um apartamento em Ipanema, de seu domínio, e refeições em Copacabana, pois encarava a visita como possibilidade de “eclosão de um movimento semelhante no Brasil”. Antes da chegada de Leyland, o autor afirma que Mascarenhas realizou uma pesquisa para localizar sujeitos que se enquadrassem nos objetivos do projeto a partir de um critério especial, ser homossexual. Assim, os primeiros nomes lembrados foram: Peter Fry, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva e Gasparino Dutra. O ano em que Leyland chegara ao Brasil foi em 1977.

João Silvério Trevisan após um período de exílio, retornando a São Paulo veio com ideias consequentes do contato com movimentos anarquistas e homossexuais. Enquanto isso Mascarenhas, no Rio de Janeiro, lia todos os folhetos e revistas existentes sobre a questão homossexual. Este último, ao ter contato com intelectuais e escritores, considerou a possibilidade de organizar algo semelhante ao que acontecia ao redor do mundo, principalmente nos Estados Unidos da América. Reuniram-se, então, na casa de Darcy Penteado para produzir o jornal. Após inúmeras reuniões com fins de organizar a luta, resolveram, em primeiro lugar, constituir a personalidade jurídica da editora que seria responsável pelo veículo; cada um, então, aportaria uma quantia mínima para o capital social, apenas para o registro jurídico da empresa. Para isso resolveram oferecer assinaturas “aos homossexuais do Brasil”, como afirmado na citação abaixo, por Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2012).

Os onze mais os amigos mais os amigos dos amigos, formando uma corrente em todos os Estados, elaboramos listas com endereços de homossexuais (...). Preparamos uma circular anunciando o lançamento do jornal, que as pessoas eram tais e tais que ia ser assim-assim... Mandamos isso para umas 12 mil pessoas, desde Roraima até o Chuí (...). Pra vocês terem uma ideia, com o dinheiro que chegou como resposta a isso, fizemos os dois primeiros números do jornal. A primeira tiragem foi 10 mil. (SILVA, 1981, p. 13 *apud* RODRIGUES, 2012).

Esta estratégia permitiu não somente conseguir a verba necessária para a produção do jornal *O Lampião da Esquina*, mas também uma sondagem de mercado, aferindo o real interesse pelo produto disponibilizado.

2.2 ESTRUTURA DO *LAMPIÃO DA ESQUINA* COMO CONSTITUINTE DE MEMÓRIA JORNALÍSTICA

A tiragem de exemplares do *Lampião da Esquina* teve um oscilamento inicial entre dez e vinte mil exemplares, o que fez com que o jornal alcançasse distribuição nacional, tomando, para si, esta característica que o diferenciava de outros. Todavia, Aguinaldo Silva e João Trevisan, ambos autores do jornal, afirmavam que ainda era pouco o número de leitores comparados às necessidades de custeio do jornal, como afirmou Rodrigues (2012), já que a parte publicitária não era suficiente para a manutenção do jornal.

Não basta, entretanto, apenas falar da tiragem do jornal, sendo preciso, também, compreender sua importância como mídia de abrangência nacional e de importância cotidiana na afirmação da existência de minorias que lutavam por seus direitos sociais, políticos, econômicos e afirmativos de identidade. Assim sendo, outras características também são essenciais para entender o periódico, como a sua formação em sessões que denunciavam crimes homofóbicos, casos de perseguição homossexual, de feminicídio, de violência e repressão policial, etc.

O *Lampião da Esquina* possuía sete seções que o constituíam; “Opinião” – equivalente ao editorial -; “Ensaio”; “Esquina” – seção com artigos e notas variadas -; “Reportagem”; “Literatura”; “Tendência” – seção que se dividia em “Livro”, “Exposição” e “Peça”; e “Cartas na Mesa”. A partir do número cinco publicou-se uma nova seção, a “Bixórdia” – responsável pelas fofocas em geral, que surge para dar um ar mais descontraído ao jornal.

Já com relação ao projeto gráfico do jornal podemos dizer que tinha como característica um formato tabloide e como uma estrutura simples. Picchai (2019) vai afirmar que a diagramação do *Lampião da Esquina* seguia os modelos tradicionais, junto

aos textos que se direcionavam a uma mancha gráfica previamente construída. O autor observou, ainda, que a ilustração era utilizada com o mesmo peso da fotografia. Em termos gerais, podemos dizer que o projeto gráfico do jornal seguira o mesmo padrão da imprensa alternativa, assim, os editores, seja por falta de condições financeiras ou por não valorizarem este aspecto, não trouxeram nada de novo em termos gráficos – a não ser a temática e o público marginalizado a que fora destinado.

Imagem 1: Tiragens do Jornal *O Lâmpião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Para a capa fora usado o recurso de impressão com duas cores – o preto e mais uma -, sendo para o interior apenas preto e branco. Aqui adentramos na questão da capa do jornal *O Lâmpião da Esquina* que se diferenciava do restante do jornal, pois a capa é a primeira coisa que se consegue ver num periódico, portanto, é a responsável por trazer as informações que o identificam: logotipo, número de edição, data de publicação e as chamadas para as matérias. No caso do *Lâmpião da Esquina* muitas foram as manchetes com uma diagramação que não definia a matéria principal, padrão este mantido até o fim do jornal. Abaixo segue alguns exemplos de capa do jornal *O Lâmpião da Esquina* (número 19, número 1, número 4, número 7, número 25, respectivamente):

Imagem 2: Capas do jornal *O Lâmpião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

As capas do *Lâmpião* traziam referência à violência, ao ativismo, aos aliados políticos, ao comportamento sexual, às bichas e travestis e entrevistas, representadas abaixo respectivamente, sendo discriminados a partir de palavras-chave retiradas das próprias capas. A categorização das mesmas aconteceu a partir das manchetes, assim em oito edições a violência esteve presente em foco; em sete fora o ativismo; em cinco, as minorias sociais; em seis, o comportamento sexual; em outras sete, a questão de gênero e em quatro, os entrevistados foram a pauta.

Imagem 3: Temas tratados no *Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Rodrigues afirma que nas capas do jornal chama a atenção a representação gráfica do seu nome traduzida no logotipo e no símbolo que vinham no cabeçalho da capa, posicionado à esquerda do logotipo. A palavra “Lampião” era grafada em fonte mecanizada e as palavras “da esquina” vinham em corpo menor com fonte bastão alinhada à direita e abaixo a palavra “lampião”. Esta representação vai sofrer pequenas alterações no fim da vida do periódico. No título do jornal vem a palavra “Lampião” que é empregada com duplo sentido: primeiro simbolizando a luz que ilumina o *gay*; em segundo referenciando o cangaceiro Lampião⁷ com o rosto estilizado. O símbolo é formado por um chapéu de cangaceiro decorado por círculos brancos e pretos que

⁷ Lampião foi Virgulino Ferreira da Silva, considerado Rei do Cangaço, que atuou na região do sertão nordestino do Brasil. Fora líder banditista de grande sucesso no século XXI e simbolizava a brutalidade contra as autoridades, reencarnando valores como bravura, heroísmo e senso de honra, transformando-se num herói e dando a ele grande reputação de macho bravo. Na década de 70, o Lampião era visto como uma figura leal e justiceira, que, como grande herói, ajudava os semelhantes, defendendo-os, por exemplo.

carregam, no centro, um triângulo. O rosto do cangaceiro é estilizado apresentando apenas os olhos em forma de círculos e o nariz em formato de pênis. Não obstante podemos dizer que as capas do jornal desenvolveram uma estética própria.

Imagem 4: Cabeçalho do jornal *O Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Para a organização gráfica do interior do jornal havia colunas rígidas com fios grossos acima e abaixo responsáveis pela sustentação do texto junto à moldura retangular de cantos arredondados que fora empregada para distinguir as seções do jornal. As letras eram extremamente pequenas e levavam o leitor ao cansaço e à monotonia, prejudicando a legibilidade do mesmo.

Imagem 5: Organização gráfica do *Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

2.3 LAMPÃO DA ESQUINA E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DE IDENTIDADE GAY PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Neste subtítulo iremos abordar a questão da construção de uma memória histórica sobre a visibilidade da população homossexual a partir das ideias e situações preconizadas no jornal *O Lampião da Esquina* durante as décadas de 70 e 80, mostrando sua contribuição para as lutas travadas e as conquistas adquiridas até os dias atuais. Assim

sendo iremos começar pela análise geral de algumas teses que creditam o *Lampião uma* importância na discussão sobre a homossexualidade, bem como, de outras minorias no Brasil como negros, mulheres e indígenas durante o período militar.

Michael Pollak (1992) vai afirmar que a memória pode ser percebida como um fenômeno individual e íntimo que é próprio de um sujeito individual ou uma coletividade. Os elementos que a constituem, segundo ele, são os acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo coletivo numa memória quase que herdada. Além dos acontecimentos e das personagens, o lugar também pode ser considerado memória, pois estão ligados, intrínseca e diretamente, às lembranças, comemorações ou determinadas convivências rotineiras. O autor vai afirmar que a memória é seletiva e que, portanto, não grava todas as coisas. Não se refere, ainda, à vida física do sujeito ou da coletividade, sofrendo constantes flutuações de acordo com o momento presente, sendo este o elemento de estruturação da memória. Já a memória coletiva tende a se estruturar de modo mais organizado. Diante disso, Pollak (1992) diz que a memória é, também, um ato construído e pode ser realizado de forma consciente ou inconsciente. A memória herdada, no entanto, faz referência e está diretamente ligada ao sentimento de construção da identidade, seja para mostrar-se a si mesmo ou a outrem, ou seja, a construção dessa identidade necessita de um sentimento de coerência, onde diferentes elementos se unificam.

Pollak (1989) argumenta sobre memória inferindo que ela está ligada a fenômenos de dominação, entre a memória oficial e a construída, com presente silenciamento do passado pela sociedade civil, problema este encontrado em sociedades minoritárias. Dentro disso, a memória torna-se uma operação coletiva de acontecimentos e interpretações do passado que se deseja salvaguardar em tentativas de definição e reforço ao pertencimento e fronteiras sociais diversas.

As memórias coletivas impostas e defendidas por trabalhos especializados de enquadramento são, como afirmou Pollak (1989), um ingrediente importante para manter a coerência do tecido social e das estruturas institucionais sociais, onde as memórias e tensões acabavam intervindo no consenso social e nos conflitos, determinando momentos conjunturais. A memória, então, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo forma de mito e alimentando-se de referências culturais, literárias ou religiosas.

Diante da construção da memória em Pollak (1989, 1992), vemos a importância do jornal *O Lampião da Esquina* como construtor dessa memória que fala sobre a posição social ocupada pelos sujeitos homossexuais antes e após a presença do jornal e de outros movimentos que mudaram o rumo do país, trazendo as minorias para dentro do seio

social. Da mesma forma, Pollak (1992) afirma que a memória pode ser percebida como fenômeno individual e íntimo próprio de um sujeito ou coletividade, assim sendo vemos que o periódico *O Lâmpião da Esquina* trata dos homossexuais em sua unidade enquanto coletividade, mas sem perder sua unicidade e sua individualidade.

Imagem 6: *Lâmpião da Esquina* e os sujeitos homossexuais



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Podemos perceber, também, a memória presente na ideia de lugar, como afirmado em Pollak (1992), como algo diretamente relacionado aos personagens que o envolvem, às lembranças vividas, às comemorações e às convivências rotineiras. Nesse sentido, o *Lâmpião da Esquina* apresenta alguns conceitos como a permanência dos indivíduos homossexuais nas ruas, bares e esquinas, assim como nos guetos, onde trabalhavam, conviviam, se divertiam e de onde, muitas vezes, tiravam sua subsistência.

Imagem 7: Locais “homossexuais” refletidos no *Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Pollak (1992) vai dizer, também, que a formação da memória depende de constantes flutuações do momento presente. Diante disso podemos lembrar que o *Lampião da Esquina* apresentou a ideia e o conceito de gueto em muitas das teses que serão aqui apresentadas e, posteriormente, a ideia de pôr fim a este, transformando a

memória do lugar como algo a ser feito, onde o sujeito *gay* não mais se esconderia, mas se tornaria visível à sociedade geral.

O Lampion da Esquina vai construir a identidade dos sujeitos homossexuais a partir da memória que indica coletividade e vivência diária. Traz, também, a ideia de que sujeitos homossexuais precisavam estar unidos, constituindo unanimidade. A memória trazida pelo jornal com relação aos homossexuais além de construir identidades, construía, também, sentimentos de coerência e unificação através da memória herdada que tinha por intenção construir o sujeito para si e para os outros.

Pollak (1989) vai argumentar, ainda, que a memória está ligada a fenômenos de dominação, nesse aspecto o *Lampion* vai trazer, logo de início uma ideia de contraposição ao sistema vigente no período – a ditadura militar, os discursos que comandavam a formação social heteronormativa -, trazendo o homossexual à tona como uma problemática a ser pensada, discutida e construída, gerando tensões de grande magnitude nas linhas tidas como permanentes pela sociedade em voga.

As teses vão apresentar o jornal *O Lampion da Esquina* e a formação de inúmeros movimentos homossexuais dele resultantes, trazendo as ideias urgentes como a necessidade primária de trazer o homossexual à tona, retirando-o do armário e colocando-o junto da sociedade presente e já formada, ou seja, retirando-o da marginalidade em que fora colocado. Da mesma maneira, são colocadas práticas de vivência mostradas ao longo do periódico, instituída a formação do jornal e suas formas de publicação. Além disso, situações onde os homossexuais são perseguidos pela polícia e demais autoridades. Ainda assim, sem esquecer a ideia de outras minorias também presentes, etc.

Os trabalhos que serão apresentados aqui darão conta do jornal *O Lampion da Esquina* ao mostrar que o contexto e metodologia históricos não dão conta de estudar e analisar o campo da memória produzida pelo periódico em questão. Assim sendo, entendemos ser elas de extrema importância para compreender o processo histórico de desenvolvimento do jornal e como ele foi importante para a criação de outros movimentos que vão complementar os estudos sobre a homossexualidade.

Esses movimentos criados a partir de um movimento principal, o Grupo Somos, vai ser de importante contribuição para a discussão sobre diversas minorias que incluem, ou não, a homossexualidade, como o movimento feminista e o movimento negro instaurados ao longo do processo histórico. Não obstante serão indispensáveis para se fazer compreender a importância do *Lampion da Esquina* sobre as diversas fontes que vão falar sobre a homossexualidade.

Diante disso, podemos ver a importância do jornal para estes trabalhos, pois é nas teses que ele será debatido, compreendido e restaurado, levando em consideração diversos aspectos importantes sobre a homossexualidade. Além disso, trazem a noção de história para dentro da pesquisa e produção teórica e prática em outras áreas de conhecimento, como a Sociologia, a área de Relações Internacionais, Letras e Comunicação e Semiótica. As diversas áreas de conhecimento irão constituir um marco de grande relevância e importância para reivindicar uma memória de História, luta e reivindicações homossexuais e de minorias no Brasil dos anos finais da ditadura militar.

No próximo capítulo iremos especificar alguns temas de extrema importância discutidos à luz de determinados trabalhos que nos permitirão um aprofundamento de questões voltadas a esta discussão a partir da análise historiográfica e de outros campos do conhecimento importantes para mostrar os reflexos das discussões trazidas pelo jornal *O Lameião da Esquina* durante fins da ditadura militar e início do processo histórico de redemocratização brasileira.

3 ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA E COMPARATIVA – REFLEXOS DO LAMPIÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo tem por intenção apresentar teses⁸ de doutorado que discutem a temática homossexual a partir de diferentes áreas de conhecimento e que apontam o jornal *O Lampião da Esquina* como um periódico de importantes e relevantes publicações para a discussão do tema na contemporaneidade. Este debate será organizado cronologicamente, das teses mais recentes para as mais antigas. O levantamento bibliográfico em que se consiste à análise do periódico *O Lampião da Esquina* vai trazer as assertividades dos autores escolhidos e as comparações entre eles, ou seja, as ideias consideradas de grande importância que trarão à tona a discussão sobre a questão da homossexualidade.

De início temos Filipe Gabriel Ribeiro França em “Para fazer pensar e entreter: educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades homossexuais na revista *Junior* (2007-2015)” que apresenta, em 2019, o jornal *O Lampião da Esquina* em seu contexto histórico de surgimento e sua formação como jornal em formato de tabloide. França destaca a atenção do jornal voltada para o público homossexual, mas também reconhecendo a presença de outras diversidades entendidas como minorias sociais.

⁸ As teses foram retiradas de bancos de dados digitais, como google acadêmico e o *site* da Cappes; Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o catálogo da USP.

Imagem 8: Outras minorias sociais no Jornal *O Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

No mesmo ano surge Daniela de Queiroz Picchai com “Ditos sobre e ditos por: o rasgo afetivo das mulheres *trans* nos discursos midiáticos”, onde a autora traz a investigação das conexões e desconexões entre os discursos proferidos pelas mídias sobre estas mulheres travestis e transexuais, e o campo afetivo manifestado por elas através de publicações como o do jornal *O Lampião da Esquina* entre outras mídias. A tese buscou compreender os discursos midiáticos, entendendo *O Lampião da Esquina* como publicação relevante para a pesquisa por reconhecê-lo como o primeiro jornal impresso a dar visibilidade aos homossexuais.

Imagem 9: Travestis e Transexuais no Jornal *O Lampião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Picchiai (2019) infere a importância do homossexual militante que busca sair do espaço do gueto que o silencia, esclarecendo, assim, a proposta do jornal. Em seus subtítulos vai, gradualmente, explicando-os. Um ponto extremamente importante que aparece neste trabalho de doutorado é a questão do vocabulário usado pelo jornal para identificar os homossexuais – bichas, viados, gueis, bonecas, etc. – muito criticado por inúmeros leitores que inferiam que estas palavras chulas destruíam a imagem séria que o homossexual tentava construir sobre si. Mais um ponto trazido pela pesquisa diz respeito à questão do gênero, algo construído culturalmente, sendo não resultado causal do sexo. *O Lampião* vai apresentar a questão dos corpos sociais ao expor e debater questões ainda vivas, divulgando, também, *shows*, performances, fotos e charges ironizando a moral da

época junto a entrevistas e a divulgação de livros que possuíam travestis como figuras principais dos enredos dissertativos.

Sérgio Lima dos Santos, em 2018, traz com “Processos de emergência e de definição da homofobia como um problema público no Brasil” o problema da violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no jornal *O Lâmpião da Esquina*. Inicialmente, o autor vai assertar sobre o cenário político, econômico e social de surgimento do *Lâmpião* e do Grupo Somos e sua relação um com o outro junto das lutas que foram preconizadas por eles sobre os direitos dos sujeitos homossexuais. Em seguida, a constituição e formação do periódico, trazendo algumas de suas matérias, como sobre a saída dos homossexuais do gueto, por exemplo, foco do jornal em constituição.

Diante das explicações do contexto histórico de surgimento do *Lâmpião*, Santos (2018) vai dissertar acerca das legitimações das lutas das e pelas minorias, a questão da visibilidade e as questões sociais mesmo com a presença incessante da cessão das liberdades individuais e das censuras ainda presentes como resquício da ditadura militar brasileira. Por fim, o autor também vai falar sobre a questão da chegada da Aids ao Brasil e como isso se tornou uma nova dimensão pública, transformando o homossexual novamente em um sujeito estigmatizado com relação direta à doença em vigor, visto que foram os primeiros a apresentar os sintomas e serem diagnosticados, o que acarretou um grande número de violências sobre estes sujeitos.

Imagem 10: AIDS no Brasil pelo jornal *O Lâmpião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Renan Honório Quinalha (2017), em “Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)” vai afirmar a importância do jornal *O Lâmpião da Esquina* como um importante rei do *gay power*⁹ ao ocupar, gradualmente, lugares e espaços onde o público homossexual antes não habitava, como espaços públicos, inclusive no meio político. Vai abranger, também, a urgência da criação do *Lâmpião* como um periódico voltado ao público homossexual, fazendo parte da imprensa tida como alternativa. Por último, constrói o *Lâmpião* e sua existência a partir de alguns inquéritos instituídos contra o jornal¹⁰ pela ainda em voga censura do período militar.

Imagem 11: Moral e Bons Costumes no Jornal *O Lâmpião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Jésio Zamboni, em 2016, lança “Educação Bicha: uma analrqueologia da diversidade sexual” que irá falar de uma educação bicha e, além disso, da contradição causada pelo jornal *O Lâmpião da Esquina* que se tornou responsável por – como um dos principais catalisadores na formação e sustentação dos primeiros grupos homossexuais militantes brasileiros. No ano de 1980 esta imprensa alternativa se afasta da militância homossexual e sua estratégia entra em derrocada, construindo, na década de 1990, uma

⁹ Ideia de um jornal tecnicamente especializado na questão homossexual.

¹⁰ Inquéritos policiais por atentado à moral e aos bons costumes e por vadiagem fora um grande e extenso exemplo disso, pois conferia ao órgão estatal uma legitimidade e autoridade sobre processos relativos à censura, como fora o caso de Augusto Curi.

reconfiguração dos movimentos homossexuais militantes que assume um sentido mais pragmático e menos ancorado nas experiências e vivências pessoais dos próprios militantes.

Diante disso entendemos que o homossexual passa a ser cada vez mais reconhecido fora dos vocábulos chulos que o aprisionam – como a bicha, por exemplo. Este trabalho visou confrontar o conceito de *bicha* com as personagens construídas social e coletivamente, como o homossexual, *gay* e *queer*. O foco do autor vai ser no combate ao surgimento e à emergência da *bicha* no Brasil do final da década de 70, onde tinha início os ataques preconceituosos ao *gay* estereotipado. Propõe-se a produção da *bicha* que se inscreve e se desenvolve a partir dos anos 80, discutida tendo como referência a batalha da mesma nas ruas ou em territórios coletivos de trabalho sexual.

Imagem 12: Libertados



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa com sua tese “Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa *gay* brasileira” produzida em 2014, vai investigar o universo de publicações impressas entendidas como “imprensa *gay*”. O autor toma essa imprensa *gay* como instância relevante na criação e reelaboração de categorias e identidades sexuais e de gênero, privilegiando jornais, como o *Lampião da Esquina*, optando por uma leitura contínua das edições.

Esta tese entende os 13 primeiros exemplares do periódico como um espaço para afirmar o lugar de minoria do homossexual dentro do jornal *O Lâmpião da Esquina* no Brasil das décadas de 70 e 80. O periódico, então, buscava projetar uma aproximação com a luta de outros segmentos sociais, adotando estratégias discursivas de posicionamento dos homossexuais como minoria oprimida. Todavia esta proposta de aproximação a outras minorias não era uma unanimidade na direção da publicação, de forma a observar-se que mantinha em conflito constante com sua linha editorial, como por exemplo, o uso do termo *gay* que foi modificado para *guei*, a fim de abrigar o termo e indicar um movimento próprio de construção identitária.

Imagem 13: O Guei



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Rita de Cássia Colaço Rodrigues, em 2012, produziu “De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena”. Neste trabalho a autora tem por intenção compreender as lutas dos sujeitos homossexuais a partir de disputas de representação nos marcos culturais da história em meio aos aportes teóricos de Roger Chartier e da teoria das estruturas sociais de Pierre Bourdieu, ou seja, por um viés da História Cultural e analítica das perspectivas sociológicas, conduzindo o entendimento sobre a entrada social de travestis, bonecas, viados, *gueis* e lésbicas na cena da política brasileira através do *O Lâmpião da Esquina* e da criação do grupo Somos.

Imagem 14: Homossexuais na política brasileira



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Não obstante, vai revelar como surgiu o jornal *O Lampião da Esquina*, suas características e visões, assim como especificar seu público alvo e sua equipe editorial, ao mostrar que o periódico é reflexo de outros meios midiáticos, como revistas já produzidas sobre o público homossexual e algo que está intrinsecamente entrelaçado a movimentos de mesmo cunho, como a formação do Somos na década de 70. Diante disso anunciará diversas reportagens em que este público aparece com caráter de ineditismo que gera um certo “poder homossexual”, como a própria autora se refere ao *Lampião*, proporcionando aos indivíduos *gays* uma superação em relação ao isolamento social. Tais matérias não apenas viriam aparecer para constar a vivência homossexual, mas, também, para expor, no jornal, críticas aos processos e tentativas de censura a estes sujeitos, assim como constatar os processos que o Estado colocava sobre este e outros jornais, como foi o caso de Curi – que veremos nas próximas páginas mais profundamente.

Imagem 15: Caso Curi



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Pilar Rodriguez Belmonte, em 2009, com “História da Homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro, vai apresentar o *Lampião da Esquina* como um jornal voltado à discussão franca e aberta sobre as minorias existentes. Do mesmo modo vai abarcar sobre o período de lançamento do jornal, sua criação e desenvolvimento, desde a ideia inicial pelos seus autores até o seu final. A autora também traz a parte estrutural do periódico, com matérias sobre pessoas conhecidas (artistas, atores, músicos), não apenas sobre sujeitos homossexuais, alternando temas e assuntos. De acordo com a autora, nos anos finais de publicação do jornal, o mesmo reorientou sua linha editorial *passando* a publicar mais fotos eróticas com o objetivo de atrair mais público, no entanto sua estratégia parece não apenas não ter funcionado, como teria afastado seu público costumeiro. A tese vai inferir, ainda, a criação do grupo Somos e como este movimento teve íntima ligação com a criação e divulgação de matérias sobre a homossexualidade dentro do jornal *O Lampião da Esquina*.

TESES	DATAS	UNIVERSIDADE	ÁREA DE PESQUISA	PALAVRAS-CHAVE
Ditos sobre e ditos por: o rasgo afetivo das mulheres <i>trans</i> nos discursos midiáticos.	2019	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Comunicação e Semiótica	Discurso midiático; mulheres trans; afetos ⁴¹ ; amor.
Para fazer pensar e entreter: educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades homossexuais na revista Junior (2007-2015).	2019	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Educação	Educação; produção corporal; homossexualidades; masculinidades homossexuais.
Processos de emergência e de definição da homofobia como um problema público no Brasil.	2018	Universidade Federal de Sergipe	Sociologia	Homofobia; Homossexualidades; Violência contra LGBT; Problema público e político; Brasil.
Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988).	2017	Universidade de São Paulo	Relações Internacionais	Ditadura; censura; moral; bons costumes; política sexual; homossexualidades.
As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações brasileiras (1978-2013).	2017	Universidade Federal de Pernambuco	História	Homossexualidade; homossexual; velhos; idosos; preconceito; idade; forma física.
Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual.	2016	Universidade Federal do Espírito Santo	Educação	Bicha; diversidade sexual; educação.
Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa <i>gay</i> brasileira.	2014	Universidade Federal do Ceará	Sociologia	Imprensa gay; homossexualidades; jornalismo; gênero; sexualidade.
De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena.	2012	Universidade Federal Fluminense	História Social	Homossexuais; representações; movimentos sociais; campo jurídico

História da homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000).	2009	Fundação Oswaldo Cruz	História das Ciências e da Saúde	Homossexualidade; ciência; contra-cultura; movimentos sociais; Psicologia; Psicanálise; opção sexual.
Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil.	2007	Universidade Federal Fluminense	Letras	Literatura comparada; homossexualidade; imprensa.

Quadro 1: Levantamento bibliográfico
Fonte: Compilação do autor.

Imagem 16: Outros atores do Jornal *O Lâmpião da Esquina*



Fonte: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/

Por último, Jorge Luís Pinto Rodrigues, em 2007, chega com “Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil”, trazendo consigo a análise da imprensa homossexual na cidade do Rio de Janeiro, destacando o jornal *O Lâmpião da Esquina* como o primeiro periódico distribuído nacionalmente. Traz, também, a publicação como um grande auxiliar na criação do movimento homossexual

brasileiro surgido com o inconformismo diante da repressão e do conservadorismo em nível nacional.

Vai citar, ainda, a criação do *Lampião* desde sua ideia inicial até a formação de seus membros do Conselho Editorial, sua chegada e instauração pública nas bancas de jornais e casas de leitores. Assim como alguns trabalhos citados anteriormente também vai trazer a ideia de “sair do gueto¹¹” e reafirmar-se como homossexual, além de apresentar algumas matérias consideradas de extrema importância para entender o jornal.

3.1 AS TESES E O *LAMPIÃO DA ESQUINA*: ENTENDENDO O GUETO HOMOSSEXUAL

Pretendemos demonstrar, a partir da produção de memória a importância que o periódico teve para a atualidade, movimentando conquistas, debates e reacendendo, constantemente, os assuntos tratados antigamente. O Quadro 1, apresentado anteriormente, indica que o assunto trazido pelo jornal *O Lampião da Esquina* fez caber em variados espaços acadêmicos e muitas áreas de estudo. Um dos exemplos desta abertura de discussão temática foram as teses que, em grande parte, trouxeram a discussão sobre os guetos, de onde os homossexuais deveriam sair – o armário. Assim sendo enxergamos a grande variedade de temas tratados pelo jornal que abarcaram não somente a existência dos sujeitos homossexuais, mas também a sua forma de vida, de lazer e de subsistência num período em que a sociedade elitista brasileira tinha por intuito impedir a sua existência prática na vida social.

A ideia do gueto aparece no jornal *O Lampião da Esquina* e em algumas das teses escolhidas para a pesquisa deste trabalho. França (2019) vai mostrar que este conceito de gueto surge para reafirmar as pretensões do jornal, buscando justificar a importância e os motivos de se investir num periódico voltado ao público homossexual, fazendo surgir, assim, o questionamento do e sobre o *Lampião*:

Mas um jornal homossexual para quê? É preciso dizer não ao gueto e em consequência sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que encara sua preferência como uma espécie de maldição. (SAINDO GUETO, *LAMPIÃO DA ESQUINA*, NÚMERO ZERO, ABRIL DE 1978 *apud* FRANÇA, 2019).

¹¹ Era nos guetos que se escondiam os sujeitos homossexuais que tinham não somente o medo de ser vistos, mas o de serem perseguidos e onde escondiam-se para subsistir com seus trabalhos com o corpo e suas vivências diárias. A ideia central do jornal era retirá-los dos guetos a fim de que mostrassem-se ao mundo como o que realmente eram, sem ter qualquer tipo de medo, mostrando-se para a sociedade e indicando serem pertencentes a ela.

França (2019) vai afirmar que neste momento pensa-se o *Lampião* como um passo para se compreender a questão da homossexualidade e como ela se desvela pela imprensa, tentando romper com os padrões impostos socialmente, mostrando, ainda, as intenções e múltiplas formas de viver e existir dos sujeitos *gays*.

Picchiai (2019) também traz a noção de gueto e sua importância histórica para desvelar e posicionar socialmente os sujeitos homossexuais, como trazido na citação anterior, até então marginalizados conduzindo a análise do *Lampião da Esquina* à edição de número zero que esclarece sobre o jornal:

É preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, 1978, p. 2 *apud* PICCHIAI, 2019).

A proposta do conceito de gueto propõe a saída de um espaço velado, transformando a vida do sujeito homossexual em algo livre, sem barreiras. Do ponto de vista da socialização, deixar o gueto tinha como significado romper com a lógica instituída pela ditadura militar, tornando visível as questões de vivência e urgente um processo de desmarginalização.

Santos (2018) traz a ideia do gueto dentro do *Lampião da Esquina* da mesma maneira que Feitosa (2014), ao afirmar que a pergunta “jornal homossexual para quê?” incitava a produção de um jornal voltado ao público homossexual com a ideia de gueto sempre presente. Esse gueto, por sua vez, demonstrava o inconformismo com relação às marginalizações sociais e violências vividas pelos grupos minoritários, incluindo os sujeitos homossexuais.

Quinalha (2017) traz o conceito de gueto como lugar vigiado rotineiramente e abordado com frequência pelas forças de segurança da ditadura militar repressiva. O problema maior consistia no fato de que eram nestes guetos – bares, ruas, esquinas de socialização e convívio - que os homossexuais tinham seus negócios sexuais, assim as batidas policiais acabavam por atrapalhar suas transações. Em muitas cartas recebidas pelo *Lampião da Esquina* se mostraram as atrocidades cometidas dentro dos guetos contra os sujeitos homossexuais, os ataques realizados pela polícia e as denúncias e descasos.

Em São Paulo, a repressão contra as prostitutas tinha níveis alarmantes e extremos, culminando em inúmeros protestos pelo estado, sendo, obviamente,

repreendidos veementemente pela polícia de forma extremamente agressiva e covarde. Nesse momento, fora intensificada, como uma espécie de retaliação, a repressão dentro dos guetos.

O autor traz, também, como a maior parte dos outros pesquisadores aqui apresentados, a edição de número zero do *Lampião*, onde o título “Saindo do Gueto” avalia as potencialidades e limites da “abertura” em curso no país.

Zamboni (2016) traz a discussão sobre bichas e a ideia de gueto como um lugar onde:

Elemento que finge ser cenário, mas que é principalmente o local que dá sentido à cena. Esconderijo ou gueto, [...] é a geografia do sexual, ali onde ocorre o prazer. [...] E o autor é o cenário, [...] em sua impessoal globalidade, é a questão sexual propriamente dita. Ao discutir o sexo como “relação” interpessoal, esquecido o local histórico onde se desenvolvem as relações reais, não se faz mais do que discutir o sexo dos anjos – abstratos animais de asas, sem voo. É preciso [...] expor os anjos do sexo. (DANIEL, 1983, p. 44 apud ZAMBONI, 2016).

Diante desta citação, Zamboni (2016) entende a homossexualidade como uma exterioridade composta por relações produzidas historicamente, considerando a bicha como um território, operando por meio do gueto, da raça e de outras características excludentes. O indivíduo homossexual como gueto passa a ser propriedade constituída de seres naturalizados e previamente definidos, como um terreno que é marcado e bem cercado enquanto territorialidade que incomoda. O autor entende que o gueto é território que incomoda por não manter-se em apenas um lugar e estar presente em todos ao mesmo tempo, ou seja, se ele existe em todos os espaços vai, também, existir o *gay*.

Feitosa (2014) vai apresentar os guetos como espaços de socialização, onde aconteciam os encontros homossexuais – as casas noturnas ou saunas. O autor afirma que apesar de já existirem espaços voltados à vivência homossexual, com as publicações e as tentativas de inserção destes indivíduos na sociedade “comum” ampliam-se os espaços de socialização. Estes espaços somam-se à estabelecimentos, espaços de consumo e canais de informação num mercado que passou a rotular como “GLS”, direcionados a *gays* e lésbicas com abertura a sujeitos simpatizantes que quisessem manter discrição.

O autor organiza todo um subtítulo para falar da questão dos guetos e da importância que estes espaços possuem com relação ao abrigo de homossexuais e demais minorias. O primeiro ponto inferido pelo pesquisador diz respeito às mudanças no cenário de convívio dos homossexuais no final da década de 1970, pois o comportamento sexual, no Brasil, tornara-se cada vez mais visível como um “mercado homossexual”.

Uma questão ilustrativa que marcou o jornal *O Lampião da Esquina* é essa própria noção de gueto que situou as mudanças na vida dos homossexuais em fins da década de 70, como afirmado anteriormente, criando, também, uma *imprensa gay* no país. Todavia, as opiniões sobre o gueto entre os próprios editores do jornal estavam distantes de um consenso, mas na edição de número zero do jornal a posição assumia-se como um periódico que pretendia “sair” desse “gueto” para superá-lo.

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram o rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma “abertura” do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual para quê? A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou “compreensível”, cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando – ao “assumir” – a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém a sua perpetuação e ao seu funcionamento. Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão do homossexual (...). (SAINDO DO GUETO, *LAMPIÃO DA ESQUINA*, edição experimental número zero, ab. 1978, p. 2 *apud* PICCHIAI, 2014).

Esta citação mostra a posição de Picchiali (2014) sobre a noção de gueto e a formação de um jornal homossexual extremamente importante para dar visibilidade a estes sujeitos marginalizados. O autor afirma, então, a partir do *Lampião da Esquina* que sair do gueto é uma questão de extrema importância, podendo ser lido tanto como um projeto de construção de uma nova imagem do sujeito *gay* quanto de uma aproximação das reivindicações de outras minorias. Assim sendo, sair do gueto significava abrir mão do silenciamento *gay* e “sair do armário”, de modo a se constituir como participante ativo na sociedade.

Rodrigues (2012) vai mostrar que os guetos, situação de extrema relevância, – considerados espaço de subcultura - escondiam os sujeitos homossexuais, indicando a real necessidade de torná-los visíveis nos espaços ainda não ocupados. Diante disso, o autor foca na importância que o espaço do gueto possuía para os homossexuais, mostrando a afirmação e visibilidade destes espaços no *Lampião da Esquina*.

Belmonte (2009) traz os guetos da mesma maneira que Picchiali (2014) e França (2019), pelo jornal *O Lampião da Esquina*, perguntando-se “jornal homossexual para quê”, procurando estabelecer a experiência homossexual em todos os campos da sociedade brasileira, reafirmando que esses espaços são de extrema necessidade para a visibilidade homossexual e a transformação dos mesmos como sujeitos ativos do próprio

processo histórico e de formação identitária, sendo presentes em diversos momentos no jornal *O Lâmpião da Esquina* ao longo dos anos.

Rodrigues (2007) vai apresentar o gueto também a partir da edição experimental de número zero do *Lâmpião da Esquina*, mostrando que o jornal surge como proposta de criação de uma consciência homossexual e a urgência de assumir-se e ser aceito, questionando, novamente, “jornal homossexual para quê?”. Percebemos, então, a preocupação do periódico em trazer não uma “luta maior”, mas assuntos até então considerados secundários, como sexualidade, discriminação social, artes e ecologia, por exemplo. Assim sendo, “O importante era sair do gueto”.

3.2 O LÂMPIÃO DA ESQUINA E AS LUTAS PELAS MINORIAS SOCIAIS

Iremos, portanto, enfatizar como as teses de doutorado aplicadas a esta pesquisa reconhecem no *Lâmpião* um espaço para tratar de minorias, mesmo que não seja este o foco do trabalho, como negros, indígenas, mulheres, lésbicas, travestis, entre outras. Nas páginas do periódico eram constantes as presenças de muitas destas minorias, como as mulheres, lésbicas e travestis. No primeiro ano de circulação do jornal *O Lâmpião*, de um total de treze exemplares, as mulheres foram o principal destaque da capa de quatro edições.

O cenário de surgimento do jornal *O Lâmpião da Esquina* teve por características uma política geral pautada na luta entre classes e no confronto de outros movimentos, como o negro, o feminista, etc, servindo de estímulo para os debates sobre a militância no Brasil. Este objetivo tinha por função legitimar os processos de politização mais radicais da luta pelos direitos humanos, evidenciando que não se deveria encerrar nos direitos homossexuais. Assim, o *Lâmpião da Esquina* passou a evidenciar a luta em prol dos direitos LGBTQs no Brasil, construindo novas maneiras de experimentar as denúncias de situações violentas, envolvendo, também, outras minorias existentes no país.

Segundo Santos (2018), o periódico assumira um compromisso histórico de denunciar as problemáticas referentes aos homossexuais e construir um espaço de reivindicação política em defesa de outras minorias sociais que possuíam direitos negados pelo Estado. MacRae (*apud* SANTOS, 2018) afirmou que este compromisso se concentrava em legitimar as mobilizações das minorias com o propósito de dar visibilidade aos problemas e questões sociais relacionados a elas. Todavia, a ideia central do jornal era transgredir e radicalizar a partir de uma visão de cunho libertária que acabou

por afastar segmentos heterossexuais, levando o periódico a concentrar-se no público homossexual.

Feitosa (2014) traz a discussão do *Lampião* a partir da leitura dos treze primeiros exemplares do jornal, enquanto buscavam construir uma linha editorial atravessada pela ideia de lugar público do sujeito homossexual, pelas implicações de categorias de identificação, como *gay* e pelo debate do vínculo ou ausência da discussão sobre tornar visível as condições das minorias sociais existentes no país.

A tensão era presente; nas primeiras edições a linha editorial era bastante indefinida, havendo, portanto, um duplo posicionamento: um jornal “homossexual” e um periódico que desse “voz a outras minorias”. A saída do gueto, nesse quesito, vem se apresentar como um projeto de construção de uma nova imagem do sujeito homossexual, ao mesmo tempo em que se aproximava às reivindicações de outras minorias sociais. O autor afirma, desse modo, que o jornal *Lampião* busca, assim, aproximar-se da luta de outros segmentos sociais, adotando a estratégia discursiva de posicionar os indivíduos *gays* como minoria oprimida.

(...) o que *Lampião* reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito? – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização enquanto tal (...) Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas (...). (SAINDO DO GUETO, *LAMPIÃO DA ESQUINA*, edição experimental número zero, abr 1978, p. 2 apud FEITOSA, 2014)

A citação acima traduz a ideia de que o *Lampião* se lançava como desafio de posicionar-se como porta-voz de uma minoria, valorizando os atos de assumir-se e de aceitação. Estas realizações, consequentemente, aproximariam os homossexuais dos demais grupos minoritários. Todavia, esta proposta sempre se mostrou em conflito, pois era necessário construir uma audiência de leitores e um perfil editorial que respondesse à pergunta central do periódico: “jornal homossexual para quê?”.

Feitosa (2014) vai afirmar que esta construção vai estar presente tanto no âmbito da produção editorial - envolvendo os que defendiam a visibilidade às minorias e os que reivindicavam o jornal exclusivamente ao público *gay* – e as relações de conflito que marcavam a inserção ou o distanciamento do ativismo e dos movimentos homossexuais brasileiros com demais lutas contra o sistema em voga. Abaixo veremos uma das publicações do jornal *O Lampião da Esquina* que traz esta ideia de apoio à luta das muitas minorias existentes no Brasil.

Imagem 17: Jornal *O Lâmpião da Esquina* e as minorias



Fonte: Capa do *Lâmpião da Esquina*, ano 1, n. 10, mar 1979, p. 9 *apud* FEITOSA, 2014.

Esta capa do periódico *Lâmpião* trazia duas peças, ambas dedicadas a uma “semana de minorias” organizada e realizada na Universidade de São Paulo. Uma delas era assinada por Eduardo Dantas e consistia num extenso artigo que abordava o ineditismo da fala pública de homossexuais num debate sobre a “emancipação das minorias” para descrever a tensão que existia com a luta da esquerda política. Diante disso o jornal escreveu:

(...) Esta reunião foi uma série de surpresas para todo mundo; para os homossexuais, houve a novidade do convite à participação, o que talvez torne essa data de 8 de fevereiro histórica. Afinal, não se tem lembrança de um debate tão livre e polêmico sobre um assunto que as autoridades policiais e grande parte da sociedade brasileira ainda consideram um tabu. Depois teve o choque do plenário e até de integrantes dos outros grupos minoritários convidados (negros, mulheres e índios) que nunca tinham ouvido falar dessa militância guei e perguntavam-se perplexos como podiam estar desinformados a respeito e os objetivos de tudo isso. Logo no início da discussão, quando já se tentava enquadrar o movimento guei na ótica da esquerda, alguém no plenário tomou a palavra e disse: “Eu vou dizer agora o que a metade deste auditório está sequiosa para ouvir: Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro, não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão conscientes de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com os grupos chamados de vanguarda” (“NEGROS, MULHERES, HOMOSSEXUAIS E ÍNDIOS NOS DEBATES DA USP: FELICIDADE TAMBÉM DEVE SER AMPLA E IRRESTRITA, *LÂMPIÃO DA ESQUINA*, Ano 1, n. 10, mar 1979, p. 9 *apud* FEITOSA, 2014).

O desfecho do debate proposto na reportagem, segundo Feitosa (2014), reafirma as contradições existentes, propondo que cada grupo minoritário se organize e se una a outros grupos em defesa de algo comum, como a liberdade e a democracia, vislumbrando estes caminhos como algo para se chegar à felicidade ampla e irrestrita. Ainda nesse interim, Trevisan destaca, em seu artigo cujo título é “Quem tem medo das minorias?”, em 1979, os conflitos entre os grupos discriminados e a plateia esquerdista para que suas lutas tidas como secundárias também fossem reconhecidas como legítimas frente à ideia de uma luta de caráter maior. Este reconhecimento, segundo o pesquisador, remeteria a uma dupla estratégia: reconhecer que a luta dos grupos discriminados é de maioria e a problematização da própria noção de minoria.

Já o nosso querido Trevisan foi clarividente acerca da Convergência Socialista. A moralidade presente nesta “esquerda” é às vezes pior que a Igreja do Medievo. E quanto às mulheres e aos negros que estavam na reunião da Convergência e que disseram que estavam dispostos a esquecer suas reivindicações, são antes de mais nada, alienados, no sentido exato do termo. Alienados de sua condição primeira. A “Luta Maior” é sem dúvida a mais importante historicamente. Só que no bojo da luta maior não se pode desprezar a individualidade de cada um, senão saímos de uma opressão para entrar em outra (CARTAS NA MESA, *LAMPIÃO DA ESQUINA*, ano 1, n. 3, jul-ago 1978, p. 15).

É interessante perceber a discriminação sobre estes grupos quando o próprio *Lampião* afirma que “a definição de ‘minorias’ já denuncia uma repressão implícita na própria designação que minimiza a importância social dos grupos atualmente discriminados”. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, ano 1, n. 10, mar 1979, p. 10 *apud* FEITOSA, 2014). Todavia, um ponto que não podemos deixar de considerar, tamanha sua importância nesta tese, é de que a construção dos homossexuais como minoria também fora problematizada, a ponto de aparecer em toda uma página destinada à seção *Opinião* no jornal *O Lampião da Esquina*.

Nossas gaiolas comuns

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. (...) Em termos de definições sexuais, cada uma das categorias deveria ter bem claro como se autodefine e como este enunciado dos atributos essenciais e específicos que a tornam inconfundível, ao mesmo tempo a relaciona com outras categorias sociais. Isto não significa um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (nesta sociedade, nossas identidades são múltiplas), mas sim uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral (...) Quais são as dificuldades, então, dentro desta perspectiva mais ampla que nos aproxima da luta de outras categorias sociais, da tentativa que se faz hoje de definir muito concretamente o que significa ser mulher, ser homossexual ou ser homem (para ficarmos só com as classificações mais em evidência) – em nossa sociedade? Quanto de nós,

interessados nessas definições, já não ouvimos por toda parte algum comentário sobre a irrelevância desta luta, que seria secundária em relação à luta principal (...). É tática comum em política apagar as diferenças internas para fazer frente a um inimigo principal. Só que o inimigo está dentro de casa, e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualizá-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha específica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida (...) Aprofundando um pouco as colocações iniciais: categorias sexuais são específicas e essa especificidade deve ser concretamente analisada por todos os interessados em seu esclarecimento (...) Seria um erro pensar que essas análises e essas lutas pudessem ser feitas isoladamente, assim como podemos pensar na definição de categorias sexuais como um fenômeno isolado (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, ano 1, n. 1, mai-jun 1978, p. 2 *apud* FEITOSA, 2014).

Rodrigues (2012) afirma que dois são os segmentos presentes dentro dos movimentos surgidos na década de 1970 que denomina de esquerda revolucionária e alternativa, incluindo na agenda das discussões as novas minorias políticas – mulheres, negros, indígenas, prostitutas e homossexuais. O autor traz esta pauta bem sutil e generalizadamente, apenas chamando o jornal de alternativo e informando ser o único que tratava e pautava todos os novos movimentos sociais destas minorias sociais e políticas, sendo, ainda, o único que aprofundara a revolução cultural, mesmo que, inúmeras vezes, adotasse posturas contraditórias e desqualificadoras das lutas femininas, por exemplo.

Belmonte (2009) traz o jornal *O Lampião da Esquina* como a primeira forma de publicação de massa no Brasil voltada à discussão franca e aberta dos direitos das minorias sociais, que incluem negros, indígenas, mulheres e, principalmente, os sujeitos homossexuais, foco principal do jornal, todavia focava-se, realmente, no homossexual como sujeito de minoria importante para o jornal *O Lampião da Esquina*, colocando os outros sujeitos em segundo plano.

Rodrigues (2007) vai trazer para o *Lampião da Esquina* a noção de minoria como um conceito que delimitou identidades. Inicialmente, o jornal percorreu variados caminhos e as várias lutas das minorias. O autor entende o periódico como um jornal de característica não-conformista, mostrando que o aparecimento das discussões e debates sobre a vida da minoria vai surgir através da abertura de um espaço de fala a este grupo menos privilegiado, procurando estabelecer alianças com outras minorias, como negros, feministas, indígenas e com as minorias dentro das minorias homossexuais – michês, travestis, prostitutas, etc.

O autor ressalta, entretanto, que a abertura deste jornal para diversos públicos vai deixar seus leitores confusos. Afinal, para quem é o jornal homossexual? Diante disso, podemos entender, segundo MacRae (1990, p. 76 *apud* RODRIGUES, 2007) que:

(...) apesar deste empenho em manter suas páginas abertas a outros grupos sociais, o *Lampião* nunca conseguiu ser plenamente aceito como um jornal das minorias, seus aspectos homossexuais emprestando-lhe um estigma que parecia por demais “contagante” afugentando os segmentos heterossexuais de seu público potencial. (MACRAE, 1990, p. 76).

No *Lampião da Esquina* de número 19 (dez/1979), o ensaio de Darcy Penteado “Cultura homossexual: já existe?” vai falar do impacto que a conscientização das minorias, a partir da metade do século XX, provocou na sociedade brasileira, desenvolvendo-se a partir de considerações sobre a repressão a estes grupos.

Segundo Rodrigues (2007), dentro da minoria homossexual, ela podia ser dividida em três etapas: a primeira consistia na que se faz sobre ela, ou seja, aquela que a olha de fora. A segunda é a produzida por elementos ainda não conscientizados da minoria e, por fim, a terceira construída por elementos conscientizados com bases próprias e conhecimentos de causa, relegados aos moldes convencionais.

Diante disso alega que a abertura do jornal confunde o leitor, deixando seu foco de público como algo dúbio, sendo uma situação responsável por dividir o jornal e fragmentá-lo. O lançamento do *Lampião da Esquina* coincidiu com o início da abertura política do país, onde muitos setores da sociedade brasileira reivindicavam espaços sociais, como as minorias presentes no periódico, como, por exemplo, na edição de número 15 que assertava sobre a posição dos negros na sociedade. Assim sendo devemos saber que foram tratados temas que envolveram religiosidade e homossexualidade, mas também *gays* em países socialistas, matérias sobre indígenas brasileiros e artigos sobre o movimento feminista, entre outros.

3.3 O LAMPIÃO DA ESQUINA O LUGAR SOCIAL DO SUJEITO GAY

Ao falarmos de minoria, seja ela *gay* ou demais sujeitos não podemos esquecer de falar que estes indivíduos se constituem em um lugar social. Neste ponto iremos trabalhar o que os autores das teses escolhidas afirmam sobre o lugar onde se formou a minoria homossexual tratada no jornal *O Lampião da Esquina*.

Picchiai (2019) vai trazer o lugar social do homossexual dentro do *Lampião da Esquina* a partir das gírias utilizadas nos guetos – o principal lugar social onde o público *gay* tendia a se concentrar. Estes lugares localizavam-se em inúmeras regiões do país.

Estas gírias tratadas no *Lampião*, algumas vezes, eram criticadas por alguns leitores que não compreendiam seus conceitos, mas o periódico respondia afirmando que era necessário frequentar os lugares sociais homossexuais para se ter uma vivência do vocabulário.

Para os que consideravam que absorver a linguagem do universo *gay* era depreciativo, o *Lampião* respondera que: “Não é por falta de uso que as palavras morrem, não; elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada palavra”. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, 1978, p. 18). Diante disso entendemos que assumir as expressões usadas nos guetos era a proposta do jornal, tomando e incorporando termos considerados pejorativos para ressignificá-los para diluir o lugar marginal em que o homossexual era colocado.

Quinalha (2017) traz reportagens do *Lampião* contando os lugares sociais onde apareciam os sujeitos homossexuais. Assim sendo temos, logo na primeira edição do jornal, fora veiculada uma longa reportagem de autoria de Antônio Chrysóstomo, sobre a vida noturna dos “caubois” e outros personagens da Cinelândia, da Galeria Alaska e da Avenida São João, onde encontrava-se grande concentração de homossexuais. Nestes locais, no entanto, grande era o medo sobre a questão da violência a que estavam sujeitos. Segundo o *Lampião da Esquina* (1978, p. 5 *apud* Quinalha, 2017):

Há desde os mais reles meninos de programa, michezinhos de 40 a 50 cruzeiros por pernoite, até os profissionais competentes, fisicamente atraentes, capazes de extrair, principalmente de turistas daqui e de fora, quantias de 500 a 1.000 cruzeiros em cada uma de suas saídas. Bem observados, travestis e viados finos, michês baratos e prostitutas de alto bordo, são todos meninos – não importa a idade – jogados entre a bondade e a perversidade sem limites, pois no, assim chamemos, triângulo da pegação, bem e mal têm fronteiras extremamente fluídas. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, edição 1, mai/jun, 1978, p. 5).

Na cidade carioca, um dos pontos de encontro entre sujeitos homossexuais mais badalados era a Galeria Alaska, em Copacabana, refúgio de adolescentes e jovens que buscavam, na prostituição, arrumar parceiros mais velhos e endinheirados ou mesmo um lar para morar. O movimento no local era intenso, fosse de dia ou à noite.

França (2016) traz a ideia de lugar a partir da capa do *Lampião* que fala sobre o cinema Iris, na edição de número zero. Assim, ao trazer “uma noite no Cinema Iris”, o jornal mexe com a imaginação e a fantasia do leitor ao mostrar o que ocorre durante o período noturno em tal lugar, todavia de forma muito singular e generalizada, sem qualquer aprofundamento maior.

Feitosa (2014) assera que nos primeiros números do *Lampião da Esquina*, a construção da linha de edição do “jornal homossexual” deparava-se com o desafio de se construir, também, um lugar social e público deste sujeito *gay* de modo simples e bastante generalizado, sem aprofundamentos. O autor analisou a genealogia do primeiro ano de funcionamento do *Lampião da Esquina*, optando por uma leitura contínua das edições visíveis no jornal, privilegiando-se os treze primeiros exemplares ao buscar a construção duma linha editorial atravessada pela construção de um sujeito homossexual, dando, também, visibilidade às minorias.

Os boletins caseiros construídos pelo periódico tratavam de *bichas* e *bonecas* na cidade do Rio de Janeiro, de onde emergiram discursos que recontavam os modos como algumas categorias sexuais e de gênero eram elaboradas no Brasil do século XX.

Por último iremos compreender, através das teses analisadas sobre o *Lampião da Esquina*, como eram recebidos os comportamentos, posicionamentos e ideais, tanto do jornal quanto dos sujeitos homossexuais que viviam pelo país.

3.3.1 O sujeito *gay* e a repressão policial presente no *Lampião da Esquina* – relatos

Para falar em sujeito homossexual e repressão policial dentro do jornal *O Lampião da Esquina* serão utilizados os autores Santos (2018) e Quinalha (2017), visto que apenas nestas duas teses aparecem as questões referidas de forma explícita e com exemplificações citadas no periódico analisado aqui. Assim sendo, entendemos ser urgente expor alguns destes casos a fim de especificar um pouco do processo de repressão policial e o lugar do sujeito homossexual na sociedade brasileira.

Em Santos (2018), as violências e repressões aparecem no jornal *O Lampião da Esquina* como uma instituição presente, indicando o periódico como um dos primeiros empreendedores a desenvolver ações que visavam criticar e denunciar estas formas de violência cometidas contra os homossexuais no Brasil como um problema social através de suas manchetes. Não obstante também denunciou crimes e outros casos de perseguição e violência na América Latina (MARIUSSO, 2015, p. 123 *apud* SANTOS, 2018), como citado abaixo:

No número sete, de dezembro de 1978, [o *Lampião da Esquina*] apresentou uma série de reportagens sobre a situação de homossexuais em alguns países, como Argentina, Chile, e também no México em relação à violência tanto dos que eram assassinados quanto daqueles proibidos de ir e vir nas ruas desses países. Um texto escrito por Ricardo e Hector (integrantes da Frente de Libertação Homossexual da Argentina) e traduzido por Aguinaldo Silva, abre a série das matérias. Dizia ele que, da “sofrida e contraditória realidade de nuestro continente, esta é uma das faces que – sob o cúmplice silêncio da

maioria – permanecem nas sombras”. A imagem construída sobre o sujeito que orienta seu desejo às pessoas do mesmo sexo é produzida pela cultura, que exterior a ele, o transforma em todos os males da sociedade, assim se constrói “através da força da exclusão e da abjeção” (MARIUSSO, 2015, p. 123 *apud* SANTOS, 2018).

Diante disso ficou claro a pretensão do autor da tese sobre a questão das violências contra os homossexuais reproduzidas no jornal *O Lampião*, observando que construiu, também, quadros para explicitar os fatos assertados.

Quadro 2: Denúncias de violências contra LGBT no jornal *Lampião da Esquina*

Edição	Nº	Mês	Ano	Manchetes	Tipologia das violências
Ano 1	5	10	1978	Transexualismo: quem está no banco dos réus?	Violência social
Ano 1	6	11	1978	Crimes sexuais	Violência pessoal
Ano 1	7	12	1978	Latinoamérica: na terra dos homens, paulada nas bonecas?	Violência social
Ano 1	9	2	1979	Moral e bons costumes?	Violência social
Ano 1	10	3	1979	Minorias exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita	Violência social
Ano 1	11	4	1979	Lesbianismo, machismo, aborto, discriminação: são as mulheres fazendo política	Violência social
Ano 2	13	6	1979	De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais	Violência social
Ano 2	17	10	1979	Anistia ampla, etc.: mas quem liga para os presos comuns?	Violência social
Ano 2	19	12	1979	Vítimas de opressão sexual agora são presos políticos	Violência social
Ano 2	20	1	1980	Violência: o esquadrão mata-bicha	Violência social
Ano 2	24	5	1980	Querem matar os travestis	Violência social

Quadro 3: Continuação

Edição	Nº	Mês	Ano	Manchetes	Tipologia das violências
Ano 3	25	6	1980	A volta do esquadrão mata-bicha.	Violência social
				Três crimes abalam a comunidade guei	Violência pessoal
Ano 3	26	7	1980	A igreja e o homossexualismo: 20 anos de repressão	Violência social
				Richetti age em São Paulo; e Padilha volta ao Rio	Violência social
Ano 3	28	9	1980	Em agosto foi assim: crioulo não é gente, bicha e mulher tem mais é que morrer	Violência social
Ano 3	33	2	1981	Mas a violência do sistema pode!	Violência social
Experimental	0	4	1978	Celso Curi processado: mas qual é o crime deste rapaz?	Violência social
Extra	Extra 2	-	-	O estupro como ato de poder	Violência pessoal
				A matança das bichas na Alemanha Nazista	Violência social
Extra	Extra 3	-	1980	Travestis dão um depoimento vivo sobre o sufoco paulista	Violência social

Fonte: SANTOS, 2018.

Borillo (2010 *apud* SANTOS, 2018) constata que o fenômeno social da violência homofóbica é complexo e exige a consideração sobre as intersecções entre os fatores de caráter individual, social, científico, jurídico e político-institucional que modulam a problemática dentro da história de forma empírica. Assim, o autor distingue a homofobia como algo de cunho pessoal – no sentido da agressão física; e, também, de cunho social – práticas de violência causadas por instituições sociais, como as religiosas, sociais, políticas, jurídicas, etc.

Neste quadro de violências institucionalizadas e legitimadas, o *Lampião* denunciou o esquadrão *mata-bichas*, denominando por Trevisan (2000), que escrevia uma coluna denunciando as constantes perseguições e abusos do grupo contra os sujeitos homossexuais no país, como expresso na figura abaixo.

Na reportagem acima mencionada, publicada no periódico *O Lampião da Esquina*, o jornalista Aguinaldo Silva fez inúmeras críticas ao posicionamento do cardeal brasileiro e arcebispo carioca Dom Eugênio de Araújo Sales sobre o texto escrito no dia 7 de dezembro de 1979 para os fieis da igreja que legitimava as ações de violência sobre os sujeitos homossexuais. (SILVA, 1980, p. 3 *apud* SANTOS, 2018).

Quando falamos sobre o lugar do homossexual anunciamos, também, onde existem, trabalham, vivem e sobrevivem. Da mesma maneira, dizemos sobre as formas

de repressão sofridas por estes sujeitos constantemente. Quinalha (2017) afirma que os primeiros registros confiáveis das ofensivas repreensivas apareceram na imprensa alternativa, em jornais como o *Lampião* – sendo esta uma das fontes mais importantes, segundo o autor.

Logo de início, então, o periódico já relatava denúncias e violações nos direitos dos homossexuais decorrentes de operações policiais nas ruas, sobretudo no eixo Rio-São Paulo. Ao falar de repressão policial, Quinalha (2017) relembra que na “Galeria Alaska”, localizada no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, as noites eram extremamente agitadas e a repressão policial constante, já que o local ficava próximo a um distrito policial. Era comum, conta, que os sujeitos *gays* fossem “convidados” a atravessar a rua até a delegacia, abrindo espaço para abordagens simples de intimidação verbal até castigos físicos de extrema violência. Segundo o *Lampião* (ESTRELAS MIL NA GALERIA ALASKA, *LAMPIÃO DA ESQUINA*, N. 10, mar, 1979, p. 5) “Muitas vezes, pessoas que não tinham documentos passavam a noite inteira numa cela escura e fria”.

Em outra entrevista, a travesti designada por “Paulo, Paulete, a Doida” afirma ser “um cara disposto a tudo, cansado de apanhar, de ir preso, de lavar latrina de distrito policial, sem saber que crime cometeu”. Diante disso, ao perceber seus braços cheios de cortes e cicatrizes nos pulsos até a altura dos cotovelos, o jornalista questionou o que teria produzido aquelas escoriações, ao que Paulete responde: ‘Ocê não tá com nada, hein cara? Não sabe porque a gente se corta? É o único jeito de não ir presa, quando a polícia baixa na Lapa e na Cinelândia’. Este fato demonstrava como as travestis e outros sujeitos homossexuais andavam municiadas com giletes que enfiavam nos próprios braços com o intuito de serem levadas aos hospitais ao invés das delegacias. Paulete mesmo afirmara que: “os homens tem de levar [...] pro hospital, senão morre de sangrar. E no hospital a gente não apanha, até tratam bem”. (OS CAUBOIS, SEUS CLIENTES: TODOS QUEREM SER FELIZES NO TRIÂNGULO DA BADALAÇÃO. *LAMPIÃO DA ESQUINA*, edição 1, mai/jun, 1978, p. 5).

Contudo, quando esta estratégia não dava certo, as travestis acabavam sendo levadas coercitivamente para as delegacias. Em 1978, o *Lampião* publicou uma longa reportagem com o título de “Mônica Valéria, uma vida em segredo” que abordava a rotina de detenções de travestis. Na matéria fora relatada a vida de Mônica que havia se mudado de Carangola (MG) para a cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de ganhar a vida como empregada doméstica durante o dia e, aos fins de semana, no período noturno, como prostituta nas ruas da Lapa para juntar ainda mais dinheiro. A personagem narrara, em

detalhes, como era a vida e os constantes assédios sofridos por policiais na região onde trabalhara. Acusações eram forjadas e inventadas, enquadrando as travestis na proibição da vadiagem, mesmo que tivessem condições documentais de comprovar seu trabalho:

[...] a polícia sempre deu em cima. Prendem a gente à toa. Documento de bicha pobre é grade. Eles põem a gente no camburão e falam pro Comissário que a gente é vagabunda, mesmo com documento, carteira assinada na bolsa. Diz que a gente faz bagunça, diz que bicha só fala palavrão. Se não falou, inventam... (MÔNICA VALÉRIA, UMA VIDA EM SEGREDO. *LAMPIÃO DA ESQUINA*, n. 7, dez, 1978, p. 10).

A personagem descreveu as extorsões sofridas. Uma das suas estratégias era deixar de se maquiar antes de entrar nos cinemas para fazer os programas e passar “despercebida”:

alguns da PM prendem as bichas pra tomar o dinheiro delas. Outros do distrito entram no cinema Iris, pintam e bordam, não querem nem saber se tem documento, se tem lei. A gente só se pinta depois que entra, dentro do cinema, pra não afrontar as famílias do lado de fora. Se não fosse a polícia e os marginais agindo junto com os lanterninhas, inventando flagrante e roubos para arrochar as bichas, era pro ambiente do Iris ser até bem civilizado.

Por fim, destacou a atuação abusiva de um agente policial, o “comissário Black” que atuava na Praça Tiradentes: “[ele] prende bicha, toma dinheiro, bate e manda embora. Se reclamar, somem com o viado. Tem uma, a Carminha, um travesti lindo, moreno, precisava de ver, que arranjou encrenca e sumiram com ela”. (MÔNICA VALÉRIA, UMA VIDA EM SEGREDO. *LAMPIÃO DA ESQUINA*, n. 7, dez, 1978, p. 10).

Trevisan, no texto “E o direito de ir e vir?” criticou as prisões injustificadas e arbitrárias de travestis, algo cada vez mais constante e comum de acontecer. Para ele, este era um paradoxo, pois no país do carnaval os machões podiam se vestir de mulher, já as travestis continuavam sendo presas e humilhadas de diversas formas e sob inúmeras alegações. Assim, abordou o caso de Kioko, “uma travesti que estava passeando em São Paulo quando foi presa por uma semana ‘sem que ao menos pudesse ser acusado de vadiagem – ele é costureiro por profissão’”. (E O DIREITO DE IR E VIR? *LAMPIÃO DA ESQUINA*, n. 10, mar, 1979, p. 9).

Em 1980 um folião publicara, no *Lampião da Esquina*, um relato afirmando sobre o aumento da violência no período do carnaval e demais festas na cidade carioca. Na carta escrevera que: “é incrível as atrocidades que ocorreram neste carnaval; principalmente no gueto de maior concentração guei, que é a Cinelândia. Onde as bichas e travestis eram atacadas, surradas e rasgadas”. (TÁ LEGAL, GENI, MAS E A MÃE, TÁ BOA? *LAMPIÃO DA ESQUINA*, n. 22, mar, 1980, p. 2).

Uma das atividades tidas como favoritas dos policiais em suas batidas de repreensão ao trabalho dos sujeitos homossexuais era a extorsão, ou seja, pediam dinheiro, descaradamente e sem qualquer pudor, em troca de deixar as travestis em liberdade. Outras questões presentes eram os abusos sexuais sofridos pelas travestis, como na fala de Flávia abaixo:

às vezes o policial exige que a gente faça sexo pra soltar a gente. Com a polícia, com o carcereiro, com o... O carcereiro é quem solta, então eu tive que fazer muito programa pra ele me soltar. Aliás, não foi programa, foi assim um meio-programa, um meio termo de sexo. Muitas vezes, levam a gente pras quebradas, e depois soltam. Não só eu: várias amigas vão juntas. E tem quatro policiais, geralmente. Eles escolhem quatro travestis, soltam as outras, fazem festa e tchau.

Além disso tudo, muitas travestis eram, ainda, obrigadas a realizar trabalhos forçados dentro das delegacias e penitenciárias, limpando banheiros, celas e fazendo outros serviços para os policiais em flagrante abuso de autoridade, como afirmou Quinalha (2017). Tudo isso evidenciava a força policial que era exercida de forma negativa e com abuso de autoridade, em vista de denegrir a imagem do sujeito homossexual, transformando-o em indivíduo de identidade nula e inferior.

Entendemos, diante disso, que a força policial, nesse período histórico brasileiro foi intensa para repreender atividades homossexuais, como forma de proteger a ideia de moralidade vigente entre a classe alta do país. A repressão desses sujeitos foi constante e de violência costumeira em grandes centros urbanos, não constituindo apenas em monitoração, mas agressividade gratuita, assédios frequentes e prisões arbitrárias, tornando os homossexuais, como as prostitutas e travestis muito mais atentas nos meios onde buscavam clientes para trabalhos sexuais.

3.4 O LAMPIÃO DA ESQUINA E “A MORAL E OS BONS COSTUMES”

Picchiai (2019) traz o *Lampião da Esquina* num dos dilemas presentes no jornal; o dilema das travestis; a violência, a perseguição e a repressão que ocorrera no período militar. Isso se dava porque as travestis eram vislumbradas como sujeitos subversivos que ameaçavam a segurança nacional, a família, a moral e aos bons costumes, discurso este que tornava legítimo a violência exercida pela polícia.

O jornal trazia a seguinte história: Georgia contava que a humilhação das travestis era constante, simplesmente por andar nas ruas brasileiras e as que decidiam identificar-se como atriz tinham a carteira rasgada e ainda levavam uma surra. Ela termina a

entrevista afirmando que: “É que eu nem penso em morrer antes de ver esse tal de ‘Direitos Humanos’ devidamente aplicado”. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, 1978, p. 9).

Em outubro de 1978, a quinta edição do *Lampião da Esquina* trazia em capa: “Transexualismo: quem está no banco dos réus?” que abordava a história do médico Roberto Faria e Valdirene que realizara um procedimento de redesignação sexual com o doutor. Mesmo com a cirurgia sendo bem-sucedida, a justiça do Estado de São Paulo o condenou por “prática de lesão corporal”, sendo condenado a dois anos de reclusão. A história foi abordada colocando em prática a questão da justiça em razão dos argumentos morais que levaram à condenação de Faria. O jornal debatia, assim, o sistema moral da época, rompendo com o silenciamento imposto pela sociedade do período, tornando visível aquilo que queriam esconder.

A história de Whitney, reproduzida no *Lampião*, atravessava e rompia com a tríade moral travesti-prostituição-violência apresentando um circuito de afetos tornados invisíveis pelas mídias latentes.

Segundo Rodrigues (2012) a ideia da moral é trazida pelo *Lampião da Esquina* ao indicar os homossexuais como seres que vieram para desestabilizar esta ordem. Tradicionalmente a moral brasileira estava ligada, radicalmente, à conduta heterossexual e reprodutora, excluindo os *gays* dos demais agentes coletivos. Diante disso, o jornal trouxe os casos de Chrysóstomo e Celso Curi com a acusação de perturbar e atentar “à moral e aos bons costumes”.

Segundo o autor, as forças policiais retomaram com maior rigor as tradicionais “caçadas” em áreas de prostituição de mulheres e travestis. Anteriormente estas situações eram retratadas como ações em prol da moralidade, mas agora passaram a ser consideradas como ação de serviço à saúde pública. Trevisan (2000) afirma, por exemplo, que na época da disseminação da AIDS a violência contra os sujeitos homossexuais aumentou, pois estes representavam a imoralidade e a devassidão. Era, então, urgente proteger os interesses sociais e econômicos, combatendo os indivíduos *gays*; enfrentando as representações da homossexualidade e das identidades de gênero fora da lógica da normativa corporal como algo patológico e imoral a partir da lei heterossexual que vigorava entre as classes no Brasil.

É preciso compreender, a partir das teses aqui apresentadas, que o *Lampião da Esquina* vai servir de meio midiático para colocar em questão as assertivas sobre as construções hierarquizadas socialmente durante a ditadura militar, onde vigorava uma sociedade machista/paternalista que minorava o restante da população, marginalizando-a

– fazendo com que outras minorias assumissem posição de lugar secundário, como mulheres, negros, indígenas, homossexuais, etc. Era, por isso, urgente que jornais e periódicos surgissem para contestar esta posição vigente, dando visibilidade às minorias, principalmente aos sujeitos homossexuais e às vivências destes.

4 CONCLUSÃO

Como resultado obtivemos interpretações sobre o jornal *O Lampião* a partir do modo como ele aparece nas teses estudadas ao longo dos capítulos produzidos, de modo que se tornou possível compreender diversas questões sobre a homossexualidade, tais como a necessidade do *gay* sair do gueto e do armário, as condições em que viviam, de lazer e trabalho, as perseguições policiais à travestis e demais sujeitos tidos como homossexuais na época do jornal, entre outras situações. Concluindo isso, foi por meio das teses que entendemos que o processo histórico não pode ser entendido apenas dentro da História, mas em muitos estudos e debates dentro de diversas áreas, como as das teses apresentadas nas áreas de Comunicação e Semiótica, Letras, História, Sociologia e Relações Internacionais, por exemplo.

Este trabalho de pesquisa permitiu, também, ao leitor compreender o funcionamento do jornal *O Lampião da Esquina* em seu processo de formação e divulgação de notícias das situações presentes no período do pós-ditadura militar. Não obstante faz perceber a presença de importantes minorias na sociedade brasileira do período, como negros, indígenas, mulheres e homossexuais. Todavia, o periódico toma o homossexual como seu foco principal.

Entendemos, também, a suma importância para a construção de uma sociedade diversa e plural a partir do debate gerado por este periódico que, mesmo em época diferente à atual ainda traz conjecturas e argumentações presentes sobre as grandes minorias e suas respectivas necessidades tão urgentes, mostrando a relevância da população LGBTQIA+ como um grupo que urge necessidades comuns.

Utilizamos, para isso, as teses citadas anteriormente e as publicações contidas no jornal *Lampião da Esquina* a partir de uma releitura bibliográfica qualitativa. É de extrema importância que novas teses surjam para aumentar discussões e debates sobre o assunto do homossexual, a fim de mostrar a importância do tema para a atualidade, trazendo a formação histórica de movimentos e demais representações LGBTs. Aqui pretendemos contribuir para parte desta discussão, de modo a tornar o estudo sobre o sujeito homossexual ainda mais relevante.

Diante disso compreendemos a importância da memória e da história ao perceber que a memória produzida pelo jornal *O Lampião da Esquina* – memória midiática – tem como reflexos consequências – como as listadas acima – até os dias de hoje, o que denota a importância da história dentro de contextos políticos, sociais e individuais. Pollack

(1992) afirma que a memória pode ser, respectivamente, uma ideia individual ou mesmo coletiva que está submetida a constantes mudanças de acordo com o momento histórico vivido pela sociedade em análise, sendo, portanto, mutável em essência. Dessa maneira, podemos construir as hipóteses de como a presença dos sujeitos homossexuais e suas lutas no jornal *O Lâmpião da Esquina* representaram e ainda representam grandes problemáticas e temas centrais de debate ainda vigentes socialmente, além de que, fora através desse primeiro surgimento, que esses sujeitos, através de grandes batalhas e movimentos, conquistaram passos e locais de representatividade em meios políticos, por exemplo. Assim sendo, a população LGBTQIA+, hoje, é sujeito individual e coletivo presente em todos os cantos que levam, sempre, debates inacabados a todos os meios representativos, continuando uma luta iniciada há tantos anos atrás.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. Por uma história cultural da imprensa brasileira. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, v. 2, n. 1, julh., 2008. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina Acesso em: 13 de ago. 2021.

BELMONTE, P. R. **História da homossexualidade**: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro. 2009. Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6145> Acesso em: 13 de ago. 2021.

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual**: a trajetória do grupo Triângulo Rosa. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-454077> Acesso em: 13 ago. 2021.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UBESPI, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/5695135/Portugu%C3%AAs_Roger_Chartier_Os_desafios_da_escrita Acesso em: 13 ago. 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. Disponível em: https://www.academia.edu/29641559/Roger_Chartier_A_hist%C3%B3ria_cultural_entre_pr%C3%A1ticas_e_representa%C3%A7%C3%B5es Acesso em: 13 ago. 2021.

CHINEM, R. **Imprensa alternativa**: Jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/71> Acesso em: 13 ago. 2021.

FEITOSA, R. A. S. **Linhas, entrelinhas**: homossexualidade, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa *gay* brasileira. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8585> Acesso em: 13 ago. 2021.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **A Agenda anti-homofobia na educação brasileira**: (2003-2010). 2011. 420 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95612> Acesso em: 13 ago. 2021.

FICO, C. **Além do Golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/?lang=pt> Acesso em: 13 ago. 2021.

FRANÇA, F. G. R. **Para fazer pensar e entreter**: educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades homossexuais na revista Junior (2007-2015). 2019. Tese

(Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11488> Acesso em: 13 ago. 2021.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Fry, Peter. (Org.) Para inglês ver: **Identidade Política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. pp. 87-115. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4413192/mod_resource/content/1/Fry%2C%20Peter_Para-Ingles-Ver-Identidade-e-Politica-Na-Cultura-Brasileira.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4181890/mod_resource/content/1/hunt-l-a-nova-histc3b3ria-cultural.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

JORNAL LAMPIÃO, 1979. Disponível em: https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/ Acesso em: 13 ago. 2021.

LUCA, T. R. **Imprensa e cidade**. Editora Unesp, 2006. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vw52f> Acesso em: 13 ago. 2021.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27774/1/A%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20Igualdade_EdwardMcrae-EDUFBA-2018.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

MISSE, Michel. **Estigmas do passivo sexual**. Rio de Janeiro: Achiamé-Socci, 1979. Disponível em: http://necvu.com.br/wp-content/uploads/2020/11/MISSE_O-Estigma-do-Passivo-Sexual-3a.-edicao-2005.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

QUINALHA; R. H. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php> Acesso em: 13 ago. 2021.

PICCHIAI, D. Q. **Ditos sobre ditos por: rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos**. 2019. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22484> Acesso em: 13 ago. 2021.

POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> Acesso em: 13 ago. 2021.

RODRIGUES, J. L. P. **Impressões de identidade**: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, 2007. Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/index.php/livros/237-impressoes-de-identidade-um-olhar-sobre-a-imprensa-gay-no-brasil> Acesso em: 13 ago. 2021.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo**: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/283> Acesso em: 13 ago. 2021.

SANTOS, Sérgio Lima dos. **Processos de emergência e de definição da homofobia como um problema público no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9248> Acesso em: 13 ago. 2021.

TREVISAN, J.S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250398/mod_resource/content/1/Devassos.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250398/mod_resource/content/1/Devassos.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.

WEINRICH, Harold. **Le Temps**. Paris: Seuil, 1973.

ZAMBONI, J. **Educação bicha**: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_9475_Educa%20E3o%20Bicha%20%5B%20TESE%20%5D.pdf Acesso em: 13 ago. 2021.